



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Ciência Política**

Pedro Henrique Marques Carvalho

**A Dualidade dos Estereótipos Femininos Dentro da Política**

Brasília

2016

Pedro Henrique Marques Carvalho

**A Dualidade dos Estereótipos Femininos Dentro da Política**

Monografia apresentada para obtenção do grau de bacharel em Ciência Política na Universidade de Brasília.

Professor orientador: Prof.º Dr.º Mathieu Turgeon

**Brasília, 2016**

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer aos meus pais, Thereza e Eduardo, que sempre me incentivaram a estudar.

À Gabrielle Louise, que passou incansáveis horas revisando este trabalho a troca de nada e me incentivou sempre que eu precisei.

Agradeço também ao meu orientador, Mathieu Turgeon pela inestimável ajuda e pelo empenho que mostra em suas matérias.

Obrigado Jaqueline Buckstegge, Max Stabile e Jéssica Lopes, companheiros de trabalho, que aguentaram meu nervosismo nos dias próximo à entrega deste trabalho.

Agradeço também à Letícia Goedert, que me ajudou a desvendar esse labirinto burocrático que é a entrega de uma monografia.

Por fim agradeço à UnB, que mais que uma universidade de excelência, tanto pelos alunos como pelos professores, é um ambiente de troca de experiências onde pessoas de todos os caminhos da vida aprendem uns com os outros e assim crescem.

## RESUMO

O presente trabalho busca entender os preconceitos que existem em relação a mulheres que participam da política institucional, entender os preconceitos que limitam seu acesso a essa arena, assim como os preconceitos que regem como atuam dentro dessa esfera. O estudo, por meio de um método experimental, busca medir se mulheres que se adequam a um estereótipo agressivo são recebidas de forma diferente a um homem que se porta da mesma maneira. Dessa maneira medindo a dualidade que existe entre a necessidade de mulheres se adequarem a certo padrão para adentrar a política, e o preconceito que sofrem por ter se adequado a esses padrões.

**Palavras-chave:** Estereótipos; Agressividade; Gênero

## ABSTRACT

This work seeks to understand the prejudices that exist in relation to women who participate in institutional politics, to understand the prejudices that limit their access to this arena, as well as the prejudices that govern how they act within that sphere. The study, by means of an experimental method, seeks to measure whether women who fit an aggressive stereotype are received differently from men who behaves the same way. In this way measuring the duality that exists between the need for women to conform to a certain standard to enter politics, and the prejudice they suffer from having adapted to these standards.

**Key words:** Stereotypes; Aggressiveness; Gender

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
2. Elaboração do Experimento.....	10
2.1 Desenvolvimento Teórico	
2.2 Roteiro	
2.3 Questionário	
2.4 Amostra	
3. Pré-teste.....	17
3.1 Reformulações	
3.2 Validação de <i>convencer</i>	
4. Aplicação Final.....	20
4.1 Amostra	
4.2 Análise	
5. Conclusão.....	33
Referências.....	34
Apêndices.....	36

## 1. INTRODUÇÃO

Este estudo busca entender o efeito de estereótipos de gênero, especificamente no que se refere a estereótipos sobre o comportamento de mulheres na política. Dessa forma, tange às áreas de elites políticas por se tratar de como a elite política é vista e como os estereótipos regem a atuação de mulheres nesse meio. O foco do trabalho é em como atitudes agressivas são percebidas e avaliadas em um contexto eleitoral, por isso dialoga diretamente com a área da psicologia política.

Os resultados desta monografia reforçam alguns trabalhos existentes e vão de encontro com outros por mostrar que apesar de sem dúvida ter seu desempenho e ações criticadas mais severamente do que homens, mulheres não sofrem no quesito eleitoral com isso.

Apesar de este trabalho reconhecer a existência de literatura que aborda como atitudes vistas como “fraquezas” prejudicam o trabalho de mulheres na política (Brooks, 2011), ele vai além disso. Aceitando como uma forma de pressuposto que mulheres dentro da política tem que ter atitudes mais assertivas e, de certa forma, agressivas e estereotipicamente “masculinas”, como é elaborado no trabalho de Biroli (2010), o estudo busca testar a hipótese de que mulheres, ao mesmo tempo que necessitam ter essas atitudes para entrar no cenário da política, também são penalizadas por possuir tais características, gerando, dessa forma, o que chamo de *ambiguidade na avaliação comportamental*.

Essa linha teórica, também desenvolvida por Lima, Gondolim e outros (2005), mostra que quando vistas em posição de autoridade, não necessariamente na política, mulheres tendem a ser “masculinizadas”. O estudo segue elaborando porque isso não acontece quando mulheres estão em níveis hierárquicos mais baixos, entretanto o foco não será analisar ambas as ocasiões, mas sim a masculinização de mulheres em posições de autoridade, especificamente na política.

Essa monografia é um experimento, dentro da qual serão analisadas questões de gênero, agressividade, intenção de voto, e como essas questões se afetam mutuamente. Foi inspirado em um experimento sobre agressividade feito pela pesquisadora Diana Mutz, que gerou seu livro, “In-Your-Face Politics” (2005). O experimento é composto por vários grupos de “eleitores” que são expostos a um debate entre candidatos fictícios, no qual um

era mais agressivo que o outro, e o objetivo do estudo era relatar qual efeito essa agressividade tinha sobre a opinião do eleitor acerca do candidato. Porém enquanto no experimento de Mutz foram usados apenas homens brancos, aqui foi incorporada a variável de gênero.

Desde o primeiro contato com o experimento original, de Diana Mutz, interessou-me utilizar um protocolo experimental similar para estudar como outras variáveis mudariam o resultado do experimento. Apesar de haver diversos fatores que podem ser variáveis, tais como cor de pele, deficiência física, nível de instrução, neste estudo, focou-se em apenas uma: a questão de gênero. A escolha se deve pelo fato de a agressividade ser vista, estereotipicamente, como vinculada à masculinidade, sendo possível, assim, dar mais contraste.

Mesmo tratando diretamente de psicologia política, no sentido das reações e sentimentos de políticos, o foco deste estudo é na percepção desses sentimentos pelos possíveis eleitores, contribuindo, majoritariamente, para os campos de percepção e de comportamento político.

O objetivo, primeiramente, é descobrir se o sexo do candidato afeta como este deveria se portar em debates, e se realmente o senso comum espera que uma candidata seja mais amena e não agressiva que um candidato. Procurou-se simular um debate feito pelo rádio, em um caso, com dois homens debatendo sobre um tema, e no outro, um homem debatendo com uma mulher. No primeiro, um dos homens é mais agressivo, sendo este comportamento caracterizado pela elevação de voz, pela rudeza, pela interrupção à fala do outro candidato. No segundo, o comportamento da candidata é caracterizado da mesma forma que o do candidato do sexo masculino. O mesmo roteiro foi utilizado em ambos e a entonação do(a) candidato(a) agressivo(a) foi a mais próxima possível.

É interessante comentar uma questão que ajuda este experimento a medir de fato o que ele se propõe. No texto de Burrell e Genovese (2008), os autores discorrem sobre desejabilidade social e a dificuldade em se medir coisas como preconceito de gênero pelo fato de pessoas saberem que ter preconceitos não é o socialmente aceitável e dessa forma buscam escondê-los. O experimento em questão busca medir justamente isso, mas de forma mais sutil: em vez de perguntar se atitudes agressivas têm o mesmo impacto vindo de homens e de mulheres na política, analisa como pessoas avaliam candidatos agressivos.

Em alguns grupos nos quais houve a aplicação, foi exibido o debate entre os candidatos do mesmo sexo, em outros, o debate entre candidatos de sexos diferentes, e dessa forma, medindo a relação entre agressividade e gênero, e o quanto isso é aceito em mulheres.

No grupo que simulou o debate, há apenas 3 atores de voz diferentes, apesar de 4 candidatos, já que a voz do homem não agressivo foi feita pelo mesmo ator em ambos os debates. A preferência era por pessoas com voz mais madura, entretanto neste aspecto o experimento falhou, pois todos os atores tinham entre 19 e 21 anos, e, conseqüentemente, uma voz que caracterizava essa idade. Os candidatos leram suas falas de um roteiro elaborado previamente. Após ouvir o debate com o roteiro à disposição, um questionário foi aplicado aos que assistiram ao debate. Informações sobre a elaboração desse roteiro e questionário seguem adiante..

O experimento se distingue do de Mutz, pelo fato de o dela o focar em como a televisão consegue exacerbar certos aspectos do debate, como dando ênfase às expressões faciais, por meio de “*close-ups*”, evidenciando o aspecto incivilizado do debate. Ao final de seu estudo, Mutz busca medir o impacto e o desconforto causado por esse debate, do qual o telespectador sente estar tão próximo.

Esse trabalho tem como intuito responder às seguintes questões: Agressividade na esfera eleitoral é avaliada de forma diferente nos comportamentos de candidatos e candidatas? Se sim quais as possíveis razões e quem se beneficia disso? Para situar a pergunta, deve-se entender que, com base em uma revisão bibliográfica, pode-se perceber que é quase consenso nessa área de que mulheres que tem características normalmente associadas a homens, como agressividade e impulsividade são avaliadas, na política, mais positivamente que as que demonstram características estereotipicamente femininas. Assim, aquelas têm mais facilidade para adentrar a esfera política. Pode-se ver isso nos diversos exemplos de mulheres na política brasileira e internacional: Margaret Thatcher, Dilma Rousseff, Erika KoKay (Biroli, 2012). De fato, é difícil pensar em mulheres na política que não seguem esse padrão. Dessa forma, o que se buscou responder neste experimento não foi se mulheres mais agressivas têm mais êxito na política, mas sim se são tratadas de forma diferente em relação à homens agressivos no que se refere à popularidade eleitoral.

Como mencionado previamente, foi utilizado o trabalho da pesquisadora Diana Mutz como base para este, entretanto deve-se primeiramente entender as diferenças entre

ambos, pois o intuito de cada experimento foi diferente. A autora, por ter se graduado em comunicação, tem uma visão muito peculiar sobre debates políticos. Em sua visão, o que impressiona e gera resultados sentimentais nos eleitores não são os grandes gestos, mas sim as pequenas nuances, que apenas são visíveis no debate televisionado, pois apenas nestes vemos os candidatos perto o suficiente, por meio de *zoom ins*, para vê-las.

Vindo de uma formação em comunicação, Mutz trouxe muita verossimilhança no debate dela, fazendo-o parecer de fato real, entretanto crê-se que ela tenha falhado em outros sentidos. Estes fatores que possibilitaram tais falhas são o assunto do debate e as características físicas dos candidatos. No livro de Mutz, questões como tempo de *zoom in* e detalhes muito específicos são imensamente detalhados, entretanto nenhuma ou poucas vezes é questionado se o tema que os candidatos estão debatendo geraria algum enviesamento por parte do suposto eleitorado. Além disso, não pode-se desconsiderar a influência de questões como aparência dos candidatos, especialmente devido a dois fatores. Em primeiro lugar, pessoas de mais idade tradicionalmente são associados a cargos de maior respeito e confiança, por essa razão, muitas pessoas se sentem mais seguras dando seu voto a candidatos mais velhos. Por isso, a aparente idade dos candidatos é algo a ser problematizado. Em segundo lugar, os atributos físicos dos candidatos podem parecer algo trivial, mas vemos na teoria (NICLAS, HENRIK, PANU; 2002) que a aparência do candidato influenciou na escolha do voto. É oportuno citar que optando por um debate pelo rádio, não se deparou com essas questões, todavia teve-se de enfrentar outras que são específicas a esse meio de comunicação.

A hipótese a ser testada por meio deste experimento é a de que, ao mesmo tempo em que ter atitudes agressivas e estereotipicamente masculinas são um pré-requisito para mulheres entrarem na política, tema tratado no texto de Biroli(2005), a sociedade como um todo as penaliza mais por terem essas mesmas atitudes do que penalizariam um homem. Dessa forma, essa hipótese também significa que existe um estereótipo de comportamento que se deseja como uma sociedade e que mulheres dentro da política se adequem a ele. O experimento será usado para avaliar se o mesmo tipo de ação é avaliada de forma diferente caso seja efetuada por um homem, levando em conta também aspectos como a percepção de agressividade e atitudes agressivas quando existe uma mulher participando do debate e quando não.

## **2. ELABORAÇÃO DO EXPERIMENTO**

Aqui é descrito como a primeira versão do experimento, o pré-teste foi elaborado, após, será descrito como o pré-teste foi aperfeiçoado para a aplicação final em escala maior.

### **2.1 Desenvolvimento teórico**

Dentro da teoria descritiva da psicologia, determinadas características negativas são atribuídas a certo segmento da sociedade, criando estereótipos. Estes podem servir tanto para excluir, por esses motivos, indivíduos de esferas específicas, quanto para justificar o pertencimento de indivíduos a determinadas esferas. O exemplo específico que é abordado no estudo são características masculinas, e a política como uma esfera onde essas características são exigidas.

O texto de Ashmore e Del Boca (1981), ajuda a entender as origens de estereótipos nas ciências sociais e o papel deles dentro da política brasileira. O autor descreve que, apenas em 1922, com “Lippman’s Public Opinion”, cientistas sociais foram apresentados aos estereótipos, conceito ao qual, no trabalho citado, são apresentadas muitas definições, mas uma das que mais teve aceitação foi a de que são imagens dentro de nossas cabeças. É também argumentado que seres humanos têm a necessidade de simplificar o mundo em volta deles, e fariam isso por meio de estereótipos. Essas concepções não eram vistas como neutras, mas sim, como maneiras de legitimar e defender posições sociais, vistas dessa forma como estereótipos defensivos. Ao analisar o tema desta monografia, pode-se levar essa concepção de estereótipos defensivos para a política brasileira, uma arena dominada por homens. Não apenas homens, mas homens brancos e ricos. Pode-se entender, dessa forma, o porquê de existir esse estereótipo dentro da política brasileira: ela vem da vontade desses membros da política de manter seu lugar e sua hegemonia.

O trabalho citado segue e se debruça sobre a questão de se estereótipos são necessariamente coisas ruins. Nesta monografia, entende-se que, no caso específico da mulher, em que o estereótipo impede, de certa forma, seu acesso à política, vê-se como prejudicial e ruim, pois afeta negativamente a representação deste segmento da população. O texto também entra no quesito de “estereótipos individuais e gerais” (p. 19): os

individuais seriam os carregados por indivíduos sobre certos grupos, enquanto os gerais seriam aqueles que uma população em geral tem sobre determinado grupo. É evidente que, no contexto brasileiro, o estereótipo em relação a mulheres na política é o geral. Nos termos do texto, estereótipos sexuais seriam um “*consensual belief*”(p. 30).

Existe também a teoria prescritiva dentro da psicologia, entretanto o caso estudado não se enquadra nesta teoria, pois, na teoria prescritiva, indivíduos que não confirmam uma série de atitudes esperadas são excluídos de determinado convívio. Este modelo, muito bem descrito por Prentice e Carranza (2002), não diz respeito à política por esta não dar um espaço equânime para homens e mulheres, mas aplicar-se-ia a homens dentro da política, que já tem seu espaço dado e precisam apenas mantê-lo por meio de suas ações. Entretanto mulheres enfrentam um contexto completamente diferente, onde elas tem de se separar ativamente do estereótipo que lhes é imposto para almejar um lugar neste meio. Por essa razão, o “*Lack of fit model*” elaborado por Heinman (1983) explica melhor os estereótipos por trás da atuação da mulher na política.

O presente estudo dialoga com a tese de mestrado de Mariana Marques (2016), “Choro e Raiva: os efeitos da expressão de emoções e dos estereótipos de gênero em eleições”. A autora busca entender o efeito político/eleitoral de quando uma mulher mostra atitudes estereotipicamente femininas, de fragilidade e de emocionalidade. Ambos os trabalhos dialogam na medida em que, enquanto Marques mede o efeito do preconceito confirmado (por confirmado refere-se a quando mulheres, em um ambiente político, exibem atitudes ligadas ao estereótipo do seu sexo), aqui mede-se o oposto, se o público em geral aplaude ou pune mulheres que, no cenário político, atuam de maneira contrária, de uma forma agressiva e estereotipicamente masculina.

A hipótese com a qual Marques trabalhou foi a de que “Mulheres são mais penalizadas do que homens ao demonstrar comportamento de choro em uma campanha eleitoral.” (MARQUES, 2016, p. 22). É interessante contrapor os resultados de Marques, visto que a hipótese deste trabalho não é necessariamente oposta, pois pode haver penalidades em ambos os casos, mas se contrapõe no sentido de que mulheres sofrem consequências por apresentar características diferentes do estereótipo ao qual estão atreladas. Em palavras mais simples, Marques testa se mulheres que corroboram com o

estereótipo sofrem com isso, e este estudo, se mulheres que não se enquadram no estereótipo sofrem preconceito.

Deve-se levar em consideração que a metodologia por trás dos estudos é muito diferente, apesar de ambos serem experimentos. Enquanto Marques trabalha com um questionário *online*, que deve ser respondido após ler um texto, neste experimento, as pessoas ouvem um debate e também respondem um questionário, porém impresso, sobre o que ouviram. A maior diferença é o papel ativo ou passivo que a pessoa que participa do experimento tem. No caso de Marques, a pessoa tinha de se empenhar em ler o texto, assumindo um papel ativo, enquanto no caso deste experimento o papel assumido é muito mais passivo, de simplesmente escutar e assimilar tudo aquilo que é ouvido. Apesar de haver diferenças, essas não são tamanhas a ponto de não permitir uma comparabilidade dos resultados.

Um ponto em comum importante que ambos os trabalhos tem é a abordagem experimental que usam. McDermott (2002) mostra como experimentos são o único meio em que podemos estabelecer relações de causalidade entre as variáveis estudadas. Aqui as variáveis analisadas serão a agressividade e o nível de convencimento causado pelos candidatos.

Dentro de experimentos, é importante, para manter validade externa, tentar isolar influências exteriores a ele. A seguir é descrito como vários aspectos do experimento foram elaborados, desde o roteiro ao questionário, buscando sempre criar a maior validade interna possível.

O texto de Kahn (1996) é interessante para globalizar a questão dos estereótipos sexuais na política, pois, apesar da maioria dessa literatura ter sido desenvolvida nos Estados Unidos, e usando americanos e americanas em seus experimentos, Kahn aponta o trabalho de Williams e Best's (1990), que compara estereótipos sexuais em dez países, um deles sendo o Brasil. E os resultados mostram que em todos os países comparados, os estereótipos do papel do homem e da mulher são muito similares, especialmente os que permeiam a arena política, como os de o homem ser mais assertivo e de a mulher ter mais compaixão. Outros estudos apontados no texto de Kahn indicam que o mesmo sucesso em determinada ação será atribuído no caso do homem à sua competência, enquanto no caso da mulher, será atribuído à sorte.

## 2.2 Elaboração do Roteiro

O roteiro proposto para a pesquisa foi feito em modelo de debate entre candidatos: um diálogo entre um mediador e dois candidatos fictícios, em que o assunto discutido é o Sistema Único de Saúde (SUS). O debate ficcional foi posteriormente gravado por voluntários em duas versões: a primeira com dois candidatos de sexo masculino e a segunda, com um homem e com uma mulher; e, então, aplicado em salas de aula aleatórias.

A seleção do tema das perguntas feitas aos candidatos foi realizada visando a uma possibilidade maior de divergências nas opiniões dos entrevistados, evitando um possível enviesamento do resultado final, permitindo visões antagônicas sem posicionamentos demasiado improváveis a políticos que concorrem a um cargo qualquer. A construção das duas posições foi embasada em argumentos reais e que não causariam grande espanto nos entrevistados se ouvidos em um debate real.

O resultado das pesquisas feitas para o levantamento dos argumentos utilizados trouxe alguns pontos que pudessem ser debatidos em relação ao SUS: sua importância, modelo, falhas e positivities; o Sistema foi também comparado ao dos Estados Unidos (EUA), onde o serviço de saúde é diferente do modelo brasileiro, mas com algumas semelhanças. Além disso, houve a abordagem outros pontos que causam divergências, como a parceria entre público e privado, permitindo que haja troca de experiências entre as esferas e a absorção de expertise e modelo de eficiência característicos do setor privado, contrastado com a possibilidade de piora no atendimento às pessoas que utilizam somente o serviço público por priorização dos atendimentos pagos.

Outro ponto de discussão levantado foi o atendimento aos imigrantes oferecido pelo SUS, principalmente devido ao estabelecido nos artigos 5º e 6º da Constituição Federal de 1988, o que não ocorre nos Estados Unidos, por conta do Personal Responsibility and Work Opportunity Reconciliation Act (PRWORA).

Visando atingir o objetivo da pesquisa, propôs-se que, na versão do debate feito entre a candidata mulher e o candidato homem, a mulher fosse responsável por exprimir as opiniões mais fortes, ou seja, que exigem mais argumentos embasados e maior confiança no momento das colocações. Assim pode-se perceber o impacto da voz

feminina, contrastando com o que se espera socialmente da mulher, buscando-se verificar quais os resultados desta “quebra de expectativas”.

Para exemplificar como foi feita a distinção do candidato mais agressivo, seguem alguns extratos do debate no qual o candidato agressivo se exalta:

“[...] qualidade do setor da saúde seja mantida e para que possa também desafogar o sistema público, que está completamente abarrotado.” (José Luís)

“Como a população ganha com essa segregação?” (Marcos Matias)

“[...] Atualmente o sistema integra 70% das redes de hospitais, clínicas e outros estabelecimentos de saúde do país e isso só é possível graças à gestão híbrida dele.” (José Luís)

“Isso é preservar a universalidade?”(Marcos Matias)

“Candidatos, por favor, espere a sua fala.”(Mediador)

Aqui vemos duas ocasiões nas quais o candidato agressivo corta a fala do outro, chegando ao ponto de o mediador ter que parar o debate.

### **2.3 Elaboração do Questionário**

Ao elaborar o questionário de perguntas para medir as variáveis pesquisadas, primeiramente estabeleceu-se sua estrutura e quais os tipos de perguntas seriam incluídas.

Os esboços iniciais incluíam perguntas do tipo aberto e colocavam explicitamente a variável a ser analisada, ou seja, influíam, de certa forma, o pesquisado a analisar o comportamento agressivo ou a agressividade dos debatedores. Porém, o escopo do trabalho não é esse, então reformulou-se o questionário visando deixar implícita a questão da agressividade e focar no aspecto da avaliação do debate de maneira mais genérica e, a partir dessa avaliação, mensurar se houve relação entre a variável estudada e as causas.

Depois, por mudanças da forma como as variáveis iriam ser estudadas, o questionário teve que ser adaptado. Este colocava o sexo dos debatedores de maneira

explícita e pedia que o pesquisado avaliasse segundo esse parâmetro. Com a mudança, retirou-se a questão relacionada a sexo e colocou-se o nome de cada ficcional candidato.

Depois disso, a estrutura em que as perguntas foram feitas sofreu algumas mudanças do esboço inicial para o questionário final. Os primeiros esboços focaram em perguntas mais abertas, como “O que você entende por agressividade?” e com uma linguagem mais incisiva. Novamente, as perguntas tiveram que ser reformuladas para uma linguagem mais neutra, menos incisiva e o formato do questionário passou a ter somente uma pergunta aberta, com maior foco para perguntas de caráter escalonado, ou seja, o pesquisado escolheria dentro de uma escala pré-determinada o quanto ele concorda ou discorda das perguntas.

As afirmativas escolhidas para que cada pessoa escolhesse suas preferências procuravam achar uma forma de medir qual candidato o pesquisado tinha preferido, e se a forma como cada um agiu mudaria a opinião dessas pessoas. Após isso, a ideia foi comparar os dois debates, o que tinha a candidata mulher com o que tinha os dois homens, o que demonstraria se os ouvintes penalizavam mais da mulher por ter agido de maneira rude em comparação com o homem que também agiu, ou se não haveria diferença entre ambas as respostas.

Procurou-se também saber o sexo da pessoa para quem o questionário foi aplicado, visando medir se a opinião entre membros do sexo feminino e do sexo masculino seria diferentes em relação aos itens colocados.

Para concluir, buscou-se questões que medissem a relação entre agressividade e grau de convencimento dos debatedores, ao mesmo tempo em que mediria as eventuais mudanças que podem causar a questão sexual tanto em relação ao convencimento, quanto na questão de quem estava sendo aplicado o questionário.

## **2.4 Amostragem**

Era de extrema importância para esse experimento conseguir uma amostra robusta suficiente para que os dados pudessem ser analisados. Usou-se dois meios para recrutar pessoas para o experimento: primeiramente, uma turma de Comunicação de 20 alunos da Universidade de Brasília, no ano de 2015, participou, por pedido do professor Mathieu Turgeon, além disso, foi criado um evento no Facebook chamando pessoas, de

curtos aleatórios, para participarem, mas sem dar muitas informações sobre o que o experimento tratava. Por esses dois meios, o experimento teve uma amostra para o pré-teste de 36 pessoas. Sendo que, na primeira sessão, a do debate entre os dois homens, participaram 16 pessoas, e na segunda sessão, que mostrou o debate entre o homem e a mulher, 20 pessoas estavam presentes. Não há grande problema com essa divergência de 4 pessoas, entretanto houve um contratempo que possivelmente tenha gerado dificuldades na análise dos dados.

Esse contratempo referido foi que os alunos de comunicação que participaram do evento tiveram que ir andando de sua sala, que ficava a distância considerável de onde o experimento seria realizado, enquanto as pessoas que foram convocadas no evento do Facebook estavam no local no horário marcado. Dessa forma, para não ser descortês com os que estavam presentes, decidiu-se iniciar os 16 presentes, e os 20, que vieram da turma de comunicação, assistiram à segunda sessão. Isso gerou duas consequências, primeiramente gera um enviesamento, pois uma das turmas era composta apenas por pessoas que cursavam comunicação, e possivelmente essas pessoas estão abertas à influências que a outra turma, composta de alunos “aleatórios” não está aberta. A segunda consequência e possivelmente a mais relevante foi a disparidade de gênero entre uma turma e outra: enquanto na turma de comunicação 60% dos presentes eram mulheres e os outros 40%, homens, na turma dos aleatórios 81% eram homens e apenas 19% mulheres. Não há como explicar isso, pois essa turma de aleatórios foi simplesmente chamada por amigos, então não se vê razões pelas quais haveria essa predominância de homens. Os impactos disso nos resultados serão discutidos posteriormente.

### **3. PRÉ-TESTE**

Os resultados deste pré-teste, assim como o questionário que foi apresentado nesta primeira versão, estarão anexos como apêndice um. Neste texto principal não entraremos nas minúcias destes resultados, discutir-se-á apenas as mudanças e aprendizados tirados.

#### **3.1 Reformulações**

Após a aplicação do pré-teste e a subsequente análise dos dados obtidos, várias fatores que influenciaram na aplicação foram observados. Em primeiro lugar e possivelmente de maior relevância, foi criado um auxílio visual para acompanhar o áudio para os experimentos seguintes. Nele exibiu-se um roteiro do debate juntamente com a foto dos candidatos, fotos essas disponibilizadas por membros da minha família, dois tios e uma tia, para que não houvesse qualquer tipo de relação entre as pessoas às quais o experimento foi aplicado e os supostos candidatos. Essa mudança foi feita com dois intuitos, primeiramente para facilitar a compreensão, com a disposição do debate de forma escrita na tela; em segundo lugar, para a identificação dos candidatos na hora de os alunos preencherem os questionários após o experimento. Essas mudanças foram feitas após um acontecimento dentro de uma das salas do pré-teste, no qual uma pessoa levantou a mão e fez uma pergunta para identificar o nome dos candidatos. Dessa forma, a foto auxilia na identificação dos candidatos na hora de responder o questionário. Isso é válido especificamente para o debate entre dois homens, pois a diferença de sexo no outro debate dificulta esse tipo de confusão.

O primeiro questionário aplicado tinha apenas uma pergunta a respeito de qual foi o debatedor(a) mais convincente e o porquê disso. Nesse segundo questionário, foi adicionada também uma pergunta referente ao nível de convencimento que o candidato(a) menos convincente gerou e o porquê disso. Aqui o intuito foi descobrir se a agressividade dos candidatos foi razão que desmotivasse as pessoas a votar neles e se essa reação foi mais significativa para candidatos ou candidatas agressivas.

Na revisão do questionário feita após o pré-teste, a primeira pergunta, se a pessoa tinha conhecimento prévio do assunto, foi adicionada. Essa inclusão teve como intuito contribuir no que se refere a determinar se as respostas foram motivadas pela

percepção de agressividade dos candidatos ou de fato pelos argumentos expostos. Outras perguntas que também auxiliam neste sentido são as perguntas abertas, uma delas também adicionada posteriormente, que diz respeito à razão dos candidatos terem sido mais ou menos convincentes. Esta traz insumos para comprovar se o que mais chamou atenção foram os argumentos expostos ou a maneira que os candidatos se portaram.

Outras delas é uma pergunta referente ao curso que a pessoa faz, que foi adicionada para testar se existe alguma relação entre as respostas de indivíduos de cursos diferentes, entretanto, mesmo antes dos resultados, deduzia-se que não haveria, visto que, em todas as salas onde se aplicou o experimento, eram alunos de ciências humanas. Tanto esta como a pergunta referente ao sexo foram colocadas no final do questionário, de forma a deixar qualquer pergunta que possa ser vista como invasiva para o final.

### 3.2 Validação de *convencer*

No momento de avaliação entre o pré-teste e a elaboração do questionário final, uma das questões avaliadas foi o uso da palavra convencimento e quais são as compreensões acerca dessa palavra. Após o acréscimo de mais perguntas, foi percebido que o termo *convencer* foi muito utilizado no questionário, e, em momento nenhum, houve uma problematização do que esse termo significa ou representa, e, visto que é um termo central no questionário, e logo, em sua análise, foi distribuído na disciplina de psicologia política do segundo semestre de 2016 a questão “O que você entende por convencer?”. As respostas foram tabuladas e foram feitas codificações macro que as agrupassem, e, dessas codificações, foram obtidos os seguintes resultados:

O que você entende por convencer?	
Mudar Opinião	38%
Influenciar	62%

As respostas a essa pergunta foram categorizadas em dois grupos, um deles é "Mudar de opinião" e o outro "Influenciar, . Na primeira categoria, enquadram-se as respostas dos estudantes que viam convencer como uma forma de mudar a opinião de uma pessoa para a sua. Dentro dessa categoria, estão respostas como “Fazer outra pessoa concordar com você, aceitar alguma ideia ou fazer algo que você está propondo”, e “Fazer com que um indivíduo acredite que o argumento apresentado é o melhor. Fazer com que a

pessoa aceite o argumento apresentado.” Na segunda, enquadram-se respostas que destacaram o caráter de influenciar alguém, não necessariamente mencionando pontos de vista ou opinião. Tem-se como exemplo para essa categoria “Usar das palavras para influenciar a decisão de uma ou várias pessoas” e “Ter a lábia ou manha e argumentos para que alguém faça algo que você ou outro desejam”.

Entre as respostas que foram categorizados como influenciar, a maioria dos argumentos remetem à maneira que a(o) candidata(o) se portou, e não aos argumentos usados. Dessa forma, a palavra convencer se mostrou efetiva para mensurar o comportamento, e não necessariamente a percepção dos argumentos ou a validade desses.

## 4. APLICAÇÃO FINAL

### 4.1 Amostra

A aplicação final foi feita em quatro turmas de Introdução à Ciência Política pelo fato de serem compostas, majoritariamente, por alunos de primeiro semestre de vários cursos, minimizando o efeito *sophomore* (Cooper, 2011), já que apesar de serem todos estudantes universitários, não teriam tido tanto contato com literaturas que influenciariam no entendimento do debate. É inevitável, porém, o fato de que todos os que participaram do experimento são estudantes universitários, e, dessa forma, o estudo acaba sendo alvo do efeito *sophomore*, mencionado anteriormente, no qual, por conveniência, alunos de universidade, mais especificamente, das humanidades, são usados em experimentos de comportamento e de psicologia política, e os pesquisadores tomam erroneamente essa população como representante da população em geral.

A respeito das salas nas quais o experimento foi aplicado, é importante ressaltar que nem todos os alunos cursavam Ciência Política, mas a maioria sim. As salas eram de Economia, de Relações Internacionais, de Serviço Social, e de Gestão de Políticas Públicas. Percebe-se que como três das quatro salas são da área de ciências humanas (Economia sendo discutível), espera-se que isso influencie a percepção desses alunos do debate. Estes, especificamente, tendem a avaliar o convencimento por meio dos argumentos usados, e não pelas atitudes. Isso, assim como o fator que será exposto a seguir, será levado em conta na análise final.

Como descrito anteriormente, a elaboração do roteiro foi feita com o intuito de que o tema do debate influenciasse o mínimo possível na sua percepção. De fato, o que se queria era que o ouvinte prestasse mais atenção no comportamento dos candidatos, e não em seus argumentos. Dessa forma, o tema escolhido foi o acesso de imigrantes, especialmente imigrantes não formalizados, ao sistema SUS. Esse tema foi escolhido pois em Brasília, principalmente, isso não pesa no atendimento do cidadão brasileiro, visto o pequeno número de imigrantes que habitam a cidade, cerca de 17 mil. Entretanto, o que não foi previsto na elaboração do roteiro, que infelizmente coincidiu com a aplicação do experimento, foram as eleições americanas entre os candidatos Donald Trump e Hillary Clinton. Não apenas o período eleitoral, mas também as datas dos debates foram pouco antes das aplicações. Um dos temas mais discutidos foi o sistema de saúde americano, e foi

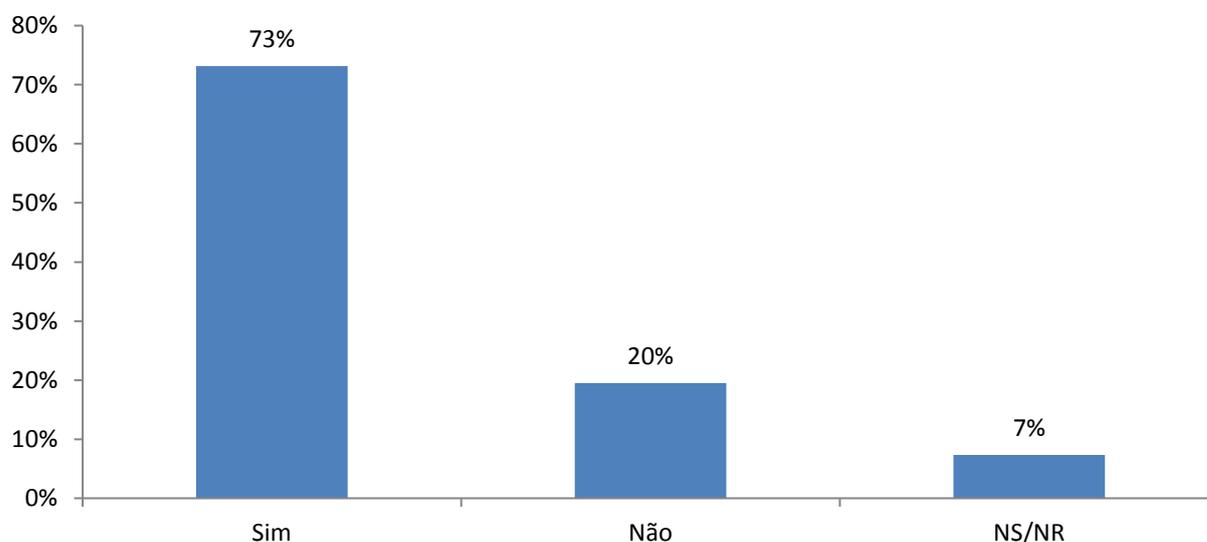
contraposta a visão dos dois candidatos: por um lado, Trump defende uma maior exclusividade do sistema de saúde americano e Clinton, por outro, defende um sistema mais abrangente, e o imigrante, ilegal e legal, está no cerne dessa questão. Mais problemático ainda é o fato de que o debate muitas vezes girava em torno das visões xenofóbicas do candidato Republicano. Tendo em vista que muitas pessoas, especialmente estudantes ligados às ciências humanas, acompanham as eleições americanas, as visões acerca dos candidatos, especialmente de Trump, podem ter sido levadas em consideração na aplicação do experimento, e, possivelmente, isso gerou aversão aos candidatos do experimento que defendiam um sistema mais excludente, pois remetia ao Republicano e sua repulsa por estrangeiros.

Esse efeito se torna ainda mais latente na turma de Relações Internacionais em que o experimento foi aplicado, pois há, por parte desses estudantes, maior interesse por questões multiculturais, os levando a prestar mais atenção aos argumentos usado. Foi adicionada uma pergunta que questionava se os participante tinham conhecimento prévio do assunto tratado. Essas respostas, juntamente com as outras acerca do porquê de os candidatos terem sido ou não convincentes, serão úteis para quantificar a influência que de fato houve pelo tema escolhido.

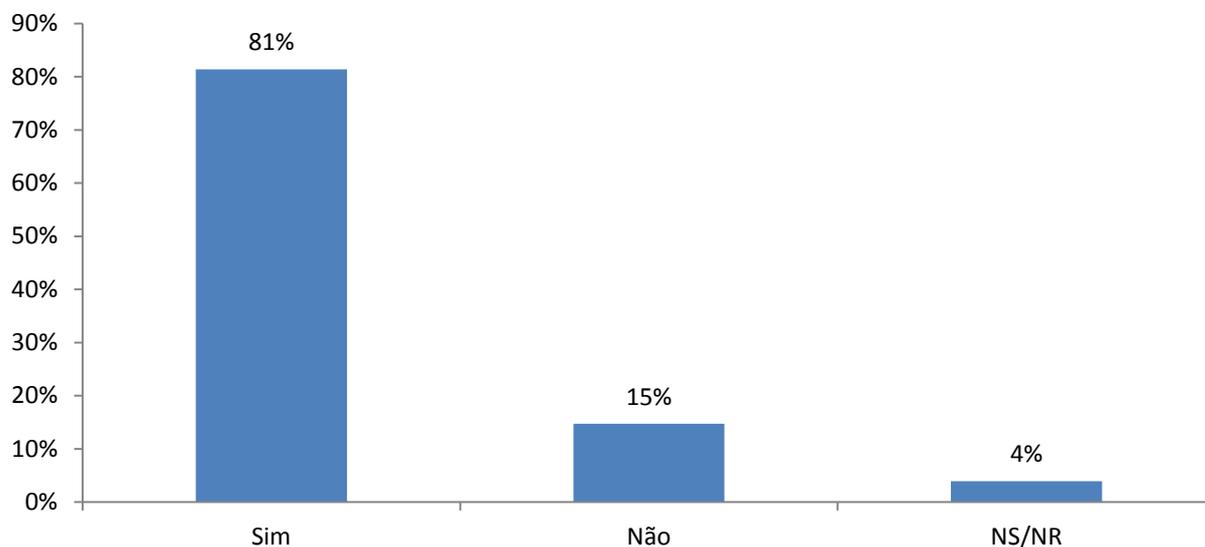
## 4.2 Análise

Questão dois: O debate foi acirrado?

**Gráfico 1: Debate com dois homens**



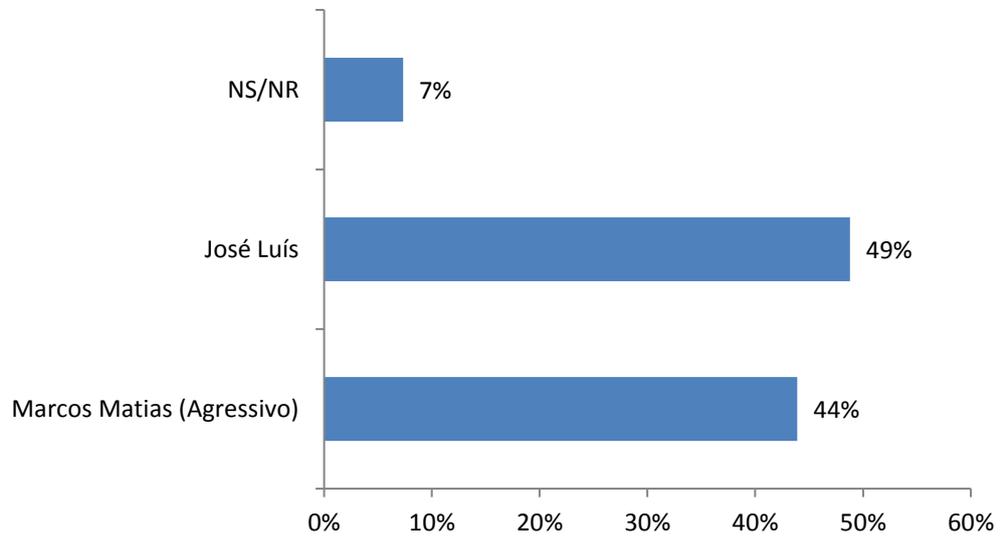
**Gráfico 2: Debate com Mulher e Homem**



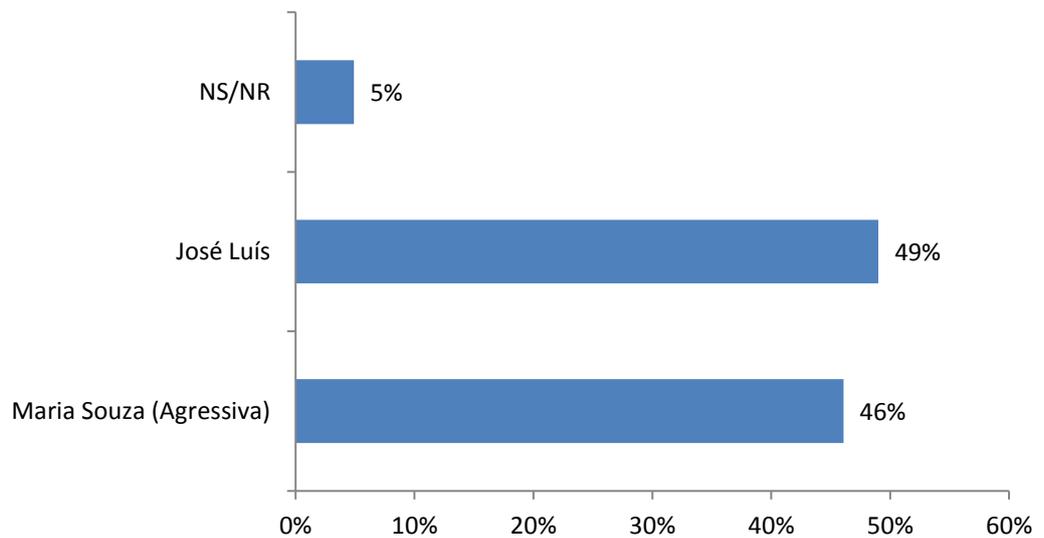
Aqui pode-se ver as respostas relativas à segunda questão do questionário, que perguntava se o debate foi acirrado ou não, existindo a opção não responder. Os resultados mostram que quando eram dois homens, o debate foi menos competitivo que quando uma mulher debatia com um homem.

Questão três: Qual foi o candidato(a) mais convincente?

**Gráfico 3: Debate com dois homens**



**Gráfico 4: Debate com mulher e homem**



Nesta análise, está explícito quem foi o candidato(a) agressivo(a) para que a comparação seja mais fácil. O que vê-se aqui é que os resultados foram muito parecidos, ao contrário do que se esperava na hipótese inicial.

### Debate com dois homens

Nível de convencimento: Candidato mais convincente	
Candidato	Nível de Convencimento
Marcos Matias	3,83
José Luiz	3,75

### Debate com mulher e homem

Nível de convencimento: Candidato mais convincente	
Candidato	Nível de Convencimento
Maria Souza	3,723
José Luiz	3,72

O que temos aqui são as médias dos níveis de convencimento causados pelos candidatos mais convincentes. Em outras palavras, para as pessoas que acharam a Mariz Souza mais convincente no debate, essa foi a média de nota, entre 1 e 5, que deram a ela.

Aqui tem-se dois dados interessantes, primeiro que, no debate entre um homem e uma mulher, o nível de convencimento foi praticamente igual. Se compararmos com os resultados do debate entre dois homens, pode-se estipular que a agressividade em uma mulher tenha comprometido o quanto as pessoas a acharam convincente, e, no exemplo oposto, pessoas beneficiaram o candidato agressivo em um debate sem a presença feminina.

O segundo ponto interessante é que, apesar de serem muito próximos, os níveis de convencimento causados no debate com uma mulher ainda são menores que ambos os níveis de convencimento do debate com dois homens.

### Debate com dois homens

Nível de convencimento: Candidato menos convincente	
Candidato	Nível de Convencimento
Marcos Matias	2,5
José Luís	1,9

### Debate com mulher e homem

Nível de convencimento: Candidato menos convincente	
Candidato	Nível de Convencimento
Maria Souza	2,28
José Luiz	2,1

As duas tabelas acima mostram os mesmos resultados, mas para os debatedores menos convincentes. Como visto anteriormente, as médias de resultados do debate onde havia a presença de uma mulher são muito parecidos, entretanto, quando não há uma mulher presente, o candidato agressivo tem uma média melhor que o não agressivo. Isso corrobora com o que foi discutido anteriormente, de que um homem agressivo é visto de uma forma benéfica para ele, enquanto a mulher que se mostra agressiva é punida por tal.

Questão oito/nove: Os candidatos se exaltaram?

### Debate com dois homens

Média de Respostas: José Luiz se exaltou?
3,3

Média de Respostas: Marcos Matias se exaltou?
3,1

### Debate com mulher e homem

Média de Respostas: José Luiz se exaltou?
2,23

Média de Respostas: Maria Souza se exaltou?
3,93

Esses resultados são muito interessantes, pois vê-se que, quando o debate tem dois homens, o nível de exaltação é muito similar, entretanto quando há uma mulher que se exalta, ela é vista de forma muito mais extrema, assim como o homem com a qual estava debatendo. Por isso, entende-se que a percepção de agressividade é exaltada quando há uma mulher no debate, especialmente uma mulher agressiva, o que leva a crer que o estereótipo de mulheres que não são agressivas, ao estar ausente no debate, incomoda os ouvintes e os torna mais sensíveis a atitudes agressivas vindo da parte da mulher.

Acima vimos que os “eleitores” avaliaram de forma diferente o quanto os candidatos se exaltaram, mas foi colocada uma questão relativa à agressividade desses candidatos, se algum candidato nos debates foi agressivo e se sim, qual. A seguir vemos o resultado para tal questão.

Debate com dois Homens

Algum candidato foi desrespeitoso?	
Nenhum	78%
Ambos	2%
Marcos Matias	2%
José Luís	17%

Debate com Mulher e Homem

Algum candidato(a) foi desrespeitoso(a)?	
Nenhum	55%
Ambos	6%
José Luís	9%
Maria Souza	30%

O que se tem acima são respostas da pergunta que media a percepção de se algum dos candidatos foi desrespeitoso. Pode-se tirar três observações interessantes desses dados, em primeiro lugar, no debate que tinha uma mulher, um pouco mais da metade dos ouvintes não acharam nenhum candidato(a) desrespeitoso(a), entretanto, quando eram dois homens discutindo, quase 80% dos ouvintes não acharam nenhum candidato desrespeitoso. O segundo fator são os níveis de ouvintes que acharam ambos os candidatos desrespeitosos, quando dois homens debatiam, apenas 2% acharam, enquanto no debate onde uma mulher estava presente, percentualmente, o triplo de ouvintes acharam isso. Por fim, nota-se que a candidata Maria Souza foi a que teve, por parte dos ouvintes, a maior percepção de desrespeito, muito acima de qualquer outro candidato em qualquer cenário.

Esses fatores, juntamente corroboram para perceber que, quando há uma mulher no debate, a percepção dos ouvintes quanto à agressão e ao desrespeito é diferente de quando há um cenário onde dois homens debatem. É provável que essa diferenciação se dê pelo estranhamento que há de ver algém, no caso a candidata, quebrar e opor o estereótipo que existe sobre ela.

Debate com dois homens

Esse comportamento é aceitável no debate político?
2,67

Debate entre um homem e uma mulher

Esse comportamento é aceitável no debate político?
2,51

Nas tabelas acima, vê-se as médias das respostas à pergunta onze, que perguntava em uma escala de um a cinco, o quão aceitável é a agressividade dentro debate político. Apesar da diferença entre os resultados não ser muito significativa, ele segue de acordo com o que foi visto em resultados anteriores, que quando o debate se dá entre dois homens, agressividade, desrespeito e acertividade são menos percebidos e normalizados que quando existe uma mulher no debate.

A seguir, analisar-se-á as perguntas abertas do questionário, estas são a cinco e a sete. A questão cinco pede que a pessoa explique o porquê de ele ter considerado aquele candidato o mais convincente (referente à questão anterior que perguntava isso).

#### Debate com dois homens

Porque do Candidato Mais Convincente	
Argumentos do Debate	43%
Outros	57%

Outros	
Concordou com Opinião	43%
Propriedade na Fala	35%
Visão Realista	22%

#### Debate com mulher e homem

Porque do Candidato Mais Convincente	
Argumentos do Debate	43%
Outros	57%

Outros	
Concordou com Opinião	15%
Mais Contido	13%
Propriedade na Fala	18%
Visão Humanista	24%
Visão Realista	31%

Todas as respostas dadas foram agrupadas primeiramente em razões que condiziam com os argumentos expostos no debate e em “outros” argumentos, pertinentes à atuação dos candidatos. Dessa forma, as primeiras tabelas de “Porque do Candidato Mais Convincente” se referem a esse primeiro crivo. Para maiores esclarecimentos, respostas como, “os argumentos usados por candidato X” se enquadram como "argumentos do debate", pois foram as razões expostas no debate que levaram essa pessoa a pensar de tal forma, enquanto respostas como, “o candidato Y teve mais propriedade em sua fala” se enquadra em "outros" pois se refere à postura do candidato. Após essa primeira divisão, todas as respostas que se enquadram em *outros* foram subdivididas em grupos menores que condizem com o tema da resposta, como o candidato ter sido mais contido, a visão realista do candidato, etc.

Há alguns resultados interessantes aqui, primeiramente é importante notar que, em ambos os experimentos, o nível de respostas que levavam em conta os argumentos do debate e os que avaliavam a postura do candidato(a) manteve-se em 43% e 57% respectivamente. Isso é interessante pois mostra que a presença de uma mulher no debate não influenciou esse aspecto, entretanto o que se ve é uma maior diversidade de respostas no que se refere às razões consideradas “outras”.

No debate entre dois homens, muitas pessoas justificaram quem era o candidato mais convincente pois concordavam já previamente com o posicionamento do candidato, isso é chamado na tabela de “Concordou com Opinião”. Entretanto esse segmento não é tão representativo nas respostas do debate que tinha uma mulher. No debate que incluía uma mulher, as razões pelas quais as pessoas justificavam o(a) candidato(a) mais convincente foram muito mais ligadas à expressão desses candidatos, 13% acharam o candidato homem mais convencedor pois ele era mais contido, um segmento que sequer apareceu no debate entre dois homens. Isso novamente mostra que quando há a presença de uma mulher no debate, especialmente uma com características ligadas ao estereótipo masculino, pessoas estranham essa quebra do que se espera dessas candidatas.

A seguir são apresentados os memos resultados, referentes à sétima questão, que e questiona a razão pela qual os candidatos menos convincentes são vistos como tal.

Debate com dois homens

Porque do Candidato menos convincente	
Argumentos do Debate	57%
Outros	43%

Outros	
Desrespeitoso	6%
Concordou com Opinião	25%
Não Convincente	19%
Pouco Humanista	6%
Pouco Realista	44%

Debate entre uma mulher e homem

Porque do Candidato menos convincente	
Argumentos do Debate	47%
Outros	53%

Outros	
Desrespeito	15%
Concordou com Opinião	11%
Muito emocional	17%
Não convincente	4%
Pouco Humanista	9%
Pouco Realista	45%

Os mesmos critérios de “argumentos do debate” e “outras” foram usados nesta análise. Igualmente, os “outras” foram especificados posteriormente. A primeira diferença que se percebe é, enquanto na questão cinco a proporção de "argumentos do debate" e

"outros" foi igual para ambos os cenários de debate, no debate entre dois homens, os "argumentos do debate" foi o motivo de o candidato ter sido menos convincente, 10% mais que no debate entre uma mulher e um homem. Isso interessa pois, apesar de na questão cinco isso não ter pesado, esse resultado corrobora a hipótese apresentada, levando a crer que, em um debate com uma mulher, motivos relacionados à atuação e ao modo de se portar pesem mais na avaliação dos que participaram do experimento. Isso é reforçado ao se observar as razões caracterizadas como "outros": enquanto no debate entre dois homens a questão do desrespeito foi a maior motivação, em 6% das respostas, no debate de uma mulher e um homem, foi quase o dobro. Respostas como "muito emocional", que corresponderam a 17% das motivações no debate com uma mulher, sequer aparecem no debate só de homens. Fatores como esses reforçam a hipótese.

O experimento em questão foi aplicado em cinco turmas entre os dias 17 de outubro e o dia 1 de novembro, 2016 na Universidade de Brasília. Foram aplicados 143 questionários, dos quais 42 foram do experimento entre dois homens, e 102 questionários foram os referentes ao debate de uma mulher com um homem. Essa disparidade se deu pois, em uma das salas onde o experimento entre uma mulher e um homem foi aplicado, havia cerca de setenta pessoas, sendo esse número mais que o dobro que salas comuns. Ao todo, cinco questionários foram anulados, pois os respondentes não responderam ambas as páginas do questionário, muito provavelmente devido à desatenção.

Entre as salas onde foi aplicado o experimento ente dois homens, a proporção de mulheres para homens foi de 34% e 66%, respectivamente, enquanto nas salas onde foi aplicado o experimento entre uma mulher e um homem, houve exatamente metade homens e metade mulheres. A seguir, há duas tabelas que demonstram a proporção de cursos presentes nas salas onde foram aplicados os experimentos.

### Debate com dois homens

<b>Cursos</b>	<b>Porcentagem</b>
Economia	65%
Ciência da Computação	8%
Biblioteconomia	5%
Ciências Contábeis	5%
História	5%
Direito	3%
Engenharia de Produção	3%
Relações Internacionais	3%
Letras	3%
Comunicação Social	3%

### Debate entre um homem e uma mulher

<b>Cursos</b>	<b>Porcentagem</b>
Relações Internacionais	32%
Gestão de Políticas Públicas	29%
Ciências Contábeis	11%
Engenharia de Produção	6%
Odontologia	4%
Letras	3%
Química	3%
Comunicação Social	2%
História	2%
Gestão de Agronegócio	1%
Agronomia	1%
Geografia	1%
Engenharia Florestal	1%
Sociologia	1%
Administração	1%
Direito	1%
Economia	1%

Apesar de as pessoas que foram submetidas ao experimento entre um homem e uma mulher serem mais heterogêneas em relação aos cursos que cursavam, e de a amostra ser mais equânime em relação ao gênero dos participantes, essa diferença não é tamanha para ser levada em consideração. No que se refere à heterogeneidade dos cursos, isso também não influenciou, visto que quase todos os cursos são das ciências humanas, e como o experimento foi aplicado em turmas do primeiro semestre, são alunos similares quanto a seus interesses e, além disso, não tiveram tempo suficiente dentro da universidade para se especializar nas respectivas áreas do conhecimento.

Desses resultados e dos apresentados anteriormente, temos claras evidências de que, de fato, há uma diferença na percepção de agressividade quando há e quando não há uma mulher no debate. Entretanto, algo que não foi esperado é que, apesar de pessoas claramente perceberem uma mulher como mais emotiva e agressiva, quando ela tem o mesmo posicionamento e atitude de um homem, isso não afeta de forma significativa o nível de convencimento que estes causam. Em ambas as versões do experimento, os níveis de convencimento entre o candidato(a) agressivo(a) e o candidato não agressivo foi praticamente igual. No debate de dois homens, os resultados foram 49% para o candidato não agressivo e 44% para o candidato agressivo, e no experimento com uma mulher os resultados foram 49% para o candidato não agressivo e 46% para a candidata agressiva. Dessa forma, a candidata agressiva até se mostrou mais convincente que um homem com o mesmo discurso e atitudes, mesmo que por uma margem pequena (2%).

Os resultados dessa pesquisa, ao mesmo tempo que vão de encontro com alguns achados, vão de desencontro com outros, como com o de Rudman e Fairchild's (2004). Neste o que foi mostrado foi que atitudes que contrariam o que é esperado do estereótipo geram resultados negativos, e também o que é chamado no texto de "*backlash*", que seria provocado por pessoas que saem do que lhes é esperado culturalmente. Entretanto, devemos entender que o trabalho de Rudman e Fairchild's difere largamente do apresentado aqui, principalmente pois aquele leva em consideração quaisquer atividades sociais. Enquanto isso pode ser verdade para a maior parte das atividades e convívios sociais, o que esse e outros trabalhos da área nos mostram é que, na arena política, não é assim que pessoas reagem ao estereótipo e a quebras deles.

Importante para entender essa diferença é que, no texto mencionado acima, atitudes que quebram com estereótipo são vistas como perigosas, pois desafiam o *status quo*, e dessa forma provocam mudanças. Isso é muito diferente de atitudes agressivas vindo de mulheres na política, pois isso não é uma mudança do comportamento típico daquele contexto, elas estão simplesmente se adaptando ao *status quo* da política. Do exposto acima, leva-se que a política é um cenário muito peculiar e particular, por isso deve-se ter cuidado ao trazer estudos que avaliam relações entre gêneros fora da política para dentro dela.

Ao dialogar com a literatura de gênero, percebemos que, apesar de o estudo ter levantados alguns dados interessantes, como a maior percepção de agressividade quando mulheres debatem, mostra também que não há diferença significativa em convencimento, ou algo que possa ser extrapolado em intenção de voto. Esses resultados, dessa forma, convergem para o trabalho de Birolli (2010) quando a autora discorre sobre o perfil de políticas serem mulheres "duronas", o que representa a quebra do estereótipo feminino na política.

Ao comparar esses achados com os de Marques (2016), que mostraram que mulheres que se demonstram emocionais são beneficiadas no âmbito eleitoral, pode-se chegar a teorias interessantes. Juntando os resultados de ambos os trabalhos, chega-se à conclusão de que mulheres são beneficiadas ao mostrarem emoções e, além disso, que não têm reais prejuízos quando se mostram agressivas em um contexto de debate. Assim, esses resultados questionam tanto as hipóteses de Marques quanto as deste trabalho.

O texto de Hernson, Lay e Stokes(2003) é interessante por discutir a atuação de candidatas e a valorização do estereótipo que mulheres tem na política e como elas podem se aproveitar dele. Os resultados desse estudo vão de acordo com os resultados da monografia de Marques (2016), pois mostram que mulheres, ao valorizarem, da maneira certa, características alinhadas com esse estereótipo feminino, conseguem tirar proveito disso. Dessa forma, o texto aponta que, para mulheres terem as mesmas oportunidades na política que homens, elas têm de tirar proveito de seus *status* como mulheres. Esses resultados estão diretamente alinhados às descobertas de Marques (2016), e servem para reforçar a peculiaridade do contexto político onde os estereótipos são interpretados de formas diversas. Vão de acordo também com os de Welch (1987) e Clarck (1985), que não conseguiram mostrar uma relação direta entre gênero e perda de votos. Entretanto, ao se analisar estereótipos, não podemos nos ater apenas a resultados eleitorais, pois muitas vezes essas não são as únicas dificuldades e seus sintomas de mulheres na política.

## 5. CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscou-se entender se, apesar de haver uma intolerância de atitudes ligadas a um estereótipo feminino na política, se mulheres também seriam penalizadas por apresentar essas atitudes estereotipicamente masculinas, dentro do contexto político.

A hipótese inicial foi de que sim, mulheres seriam punidas por apresentarem características masculinas, pois isso iria de encontro com o estereótipo que lhes é imposto. Essas perguntas não se enquadram em apenas uma área do conhecimento, mas sim em várias, incluindo a psicologia política, o estudo de elites políticas, e o comportamento político. O resultado desse estudo nos mostra que a hipótese apresentada na introdução não se sustenta, entretanto essa questão acaba não sendo tão preto no branco, existindo outras variáveis que foram mensuradas e mostram a complexidade desta questão.

Vê-se com os resultados expostos acima que a hipótese inicial de que mulheres seriam prejudicadas no âmbito eleitoral por se mostrarem agressivas, e, dessa forma, quebrarem com o estereótipo que lhes é imposto, foi negada. Entretanto, não se pode ignorar que os resultados de que as percepções de agressividade vindas do debate com uma candidata foram claramente diferentes de um debate com dois homens.

Pode-se tirar desses resultados que, apesar das percepções serem diferentes, isso não chega a ser o suficiente para essas mulheres serem punidas por tais expressões de agressividade. Outra conclusão que se pode tirar deste estudo é que agressividade latente gera um menor poder de convencimento, demonstrado pelos dados da pergunta acerca do convencimento. Este segundo achado dialoga diretamente e está de acordo com os resultados encontrados por Mutz (2005) em sua pesquisa sobre a incivilidade no debate político. Esses resultados, se somados ao trabalho de Huddy e Terkildsen (1993), comprovam o que foi debatido neste estudo, que, de fato, em posições de maior poder, características masculinas são mais valorizadas, apesar de qualquer quebra de visões estereotipadas que isso possa gerar.

Este estudo, dessa forma, também leva a algumas perguntas, pois aqui foi avaliado o nível de convencimento que estes candidatos causaram, entretanto até que ponto podemos converter convencimento em votos? Em outras palavras, apesar de essas atitudes não criarem

níveis de convencimento diferentes, chegariam a mudar o voto de pessoas? Qual a relação entre convencimento e intenção de voto na arena política?

## REFERÊNCIAS

- ASHMORE, R. D; DEL BOCA, F. K. Conceptual approaches to stereotypes and stereotyping. In: D. L. Hamilton, **Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior**, p. 1–35. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1981.
- BERGGREN, N. JORHAHL, H. POUTVAARA, P; The Looks of a Winner: Beauty, Gender, and Electoral Success. **CESifo Working Paper**,n. 2002, 2007.
- BIROLI, Flávia. Mulheres e política nas notícias: Estereótipos de gênero e competência política. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 90, p.45-69, 2010.
- BROOKS, D. J. Testing the double standard for candidate emotionality: Voter reactions to the tears and anger of male and female politicians. **The Journal of Politics**, v. 73, n. 02, p. 597-615, 2011.
- COOPER, A. C. Evaluating the College Sophomore Problem. **The Journal of Psychology**, v. 145 (1), p. 23-47, 2011.
- HEILMAN, M. E. Sex bias in work settings: The Lack of Fit model. **Research in organizational behavior**, 1983.
- HERRNISON, P. LAY, J. STOKES, A. Women running as women: Candidates gender, campaign issues, and voter-targeting strategies. **Journal of Politics**, v. 65, p. 244-255, 2003.
- HUDDY, L. TERKILDSEN, N. The consequences of gender stereotypes for women candidates at different levels and types of office. **Political Research Quarterly**, v. 46, n. 3, p. 503-525, 1993.
- KAHN, K. F. **The political consequences of being a woman**. New York: Columbia University Press, 1996.
- LIMA, M. E. O. *et al.* Imagens sociais e gênero nas relações de trabalho. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 5, n. 1, p. 71-101, 2005.
- MCDERMOTT, Rose. Experimental methods in political science. **Annual Review of Political Science**, v. 5, n. 1, p. 31-61, 2002.
- MUTZ, D. C.; BYRON, R. The New Videomalaise: Effects of Televised Incivility on Political Trust. **American Political Science Review**, 2005.
- PRENTICE, D. A.; CARRANZA, Erica. What women and men should be, shouldn't be, are allowed to be, and don't have to be: The contents of prescriptive gender stereotypes. **Psychology of Women Quarterly**, v. 26, n. 4, p. 269-281, 2002.

RUDMAN, L.A., & FAIRCHILD, K. Reactions to counterstereotypic behavior: The role of backlash in cultural stereotype maintenance. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 87, p. 157–176, 2002.

STREB M., BURREL B., GENOVESE M. Social Desirability Effects and Support for a Female American President. **Public Opinion Quarterly**, v. 72 (1), p. 76-89, 2008.

WILLIAMS, J. E.; BEST, D. Pancultural Gender Stereotypes Revisited: The Five Factor Model. **Sex Roles**, v. 40, n. 7/8, 1990.

## APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO DO PRÉ-TESTE E RESULTADOS

### Questionário Comportamento Político

1. Qual seu Sexo?

a) Homem

b) Mulher

2. O debate foi acirrado?

a) Sim

b) Não

3. Qual dos debatedores foi o mais convincente?

a) Maria Souza

b) José Luís

4. Qual foi o nível de convencimento que este causou?

Pouco Convincente                  Convincente                  Muito Convincente

(1)                  (2)                  (3)                  (4)                  (5)

5. Por que este candidato foi mais convincente?

---

---

---

---

6. O Candidato José Luís se exaltou durante suas falas?

Discordo

Concordo

Concordo Plenamente

(1)                  (2)                  (3)                  (4)                  (5)

7. A Candidata Maria Souza se exaltou durante suas falas?

Discordo                      Concordo                      Concordo Plenamente

(1)            (2)            (3)            (4)            (5)

8. Algum dos debatedores foi desrespeitoso na forma de se expressar?

a)            Sim: Qual? \_\_\_\_\_

b)            Não

9. Esse comportamento é aceitável no debate político?

Discordo                      Concordo                      Concordo Plenamente

(1)            (2)            (3)            (4)            (5)

## APÊNDICE 2 – ROTEIRO

### ROTEIRO - COMPORTAMENTO POLÍTICO

**Mediador:** Boa noite, ouvintes. Aqui quem fala é João Carlos Silva e estamos começando o nosso debate entre os candidatos José Luís, e Maria Souza. Nosso debate será voltado sobre o SUS, sua importância, defeitos e qualidades. O primeiro a ser perguntado abrirá a oportunidade de réplica do "adversário", existindo também possibilidade de tréplica do primeiro interpelado.

**Mediador:** A nossa primeira pergunta será dirigida ao candidato José Luís. Candidato, quais são as dificuldades que o SUS enfrenta para que aja de maneira ótima? Você acredita que mesmo com essas dificuldades o SUS ainda funciona de maneira aceitável?

**Candidato José Luís:** Boa noite João Carlos, boa noite telespectadores. Bom, quanto à primeira parte de sua pergunta, o SUS possui algumas dificuldades sim. Dentre muitas, existe uma que julgo principal: a questão do território brasileiro. Existe uma complexidade inerente ao território, relacionada aos seguintes fatores: múltiplas determinações sobre o estado de saúde da população e dos indivíduos; diversidade das necessidades de saúde em uma população; diferentes tipos de ações e serviços necessários para dar conta dessas necessidades; capacitação de pessoal e recursos tecnológicos requeridos para atendê-las; interesses e pressões do mercado na área da saúde (no âmbito da comercialização de equipamentos, medicamentos, produção de serviços, entre outros) que frequentemente tencionam a estruturação de um sistema calcado na concepção de saúde como um direito de cidadania. Portanto, julgando somente este fator, existem muitos outros, já notamos que o SUS não funciona de maneira aceitável. A principal causa disso, julgo eu, é que o programa não foi desenvolvido observando esta questão da territorialidade. Se pegarmos somente esta dificuldade, já podemos perceber muito claramente que o sistema não funciona de maneira eficaz. Além disso, considero que a disfunção do programa está atrelada à incompetência de seus funcionários.

**Mediador:** Muito obrigado, candidato. Agora, a candidata Maria Souza tem um minuto para a réplica.

**Candidata Maria Souza:** Obrigada, João Carlos. Bom, quanto à parte das dificuldades que o programa apresenta, o candidato não está errado. Contudo, discordo sobretudo na parte de que o programa é ineficaz e de que seus funcionários são incompetentes, o que são absolutas generalizações. O programa tem seus problemas, mas eles não são insolúveis. Além disso, somente para exemplificar, O SUS é um dos maiores sistemas públicos de saúde do mundo, sendo o único a garantir assistência integral e completamente gratuita para a totalidade da população, inclusive aos pacientes portadores do HIV, sintomáticos ou não, aos pacientes renais crônicos e aos pacientes com câncer. Ou seja, o programa respeita diretamente a Constituição de nosso país, que dita que a saúde é direito dos cidadãos.

**Mediador:** Candidato José Luís, trinta segundos para a réplica.

**Candidato José Luís:** Acredito que o candidato não vive no Brasil. Todos aqueles que têm que recorrer ao atendimento do SUS enfrentam horas de fila (sendo que muitas vezes nem conseguem ser atendidos), não conseguem tratamento adequado, têm que esperar vagas abrirem para tratamentos... Então, candidato, acho que existe uma clara diferença entre o que o SUS se propõe a fazer e o que ele realmente faz. A funcionalidade do programa é totalmente destoante do que ele se propõe.

**Mediador:** Bom, vamos para a outra pergunta, começando pelo candidato Marcos Matias. Temos visto ultimamente uma grande crise de refugiados em várias partes do mundo. Pessoas que buscam abrigo em outros países fugindo do caos de sua terra natal, muitas vezes alvo de guerra e terrorismo. Mas nem sempre essas pessoas são bem recebidas e grade parte das vezes são expulsas do lugar onde pedem refúgio. O Brasil, visto toda essa situação, recebeu no último ano mais de 8 mil refugiados, entre sírios, colombianos, angolanos e congolese. Sabendo disso, o candidato acha que esses refugiados devem ser abarcados pelo SUS? Considerando a crise do sistema público de saúde e a falta de atendimento básico para os próprios cidadãos brasileiros.

**Candidata Maria Souza:** O Sistema Único de Saúde, como disse anteriormente, é um dos maiores sistemas públicos de saúde do mundo, sendo o único a garantir assistência integral e completamente gratuita. Todos dentro do território brasileiro têm essa assistência. Ora, uma pessoa em situação de refugiado já passou por muito sofrimento e deve no mínimo ter seus direitos básicos atendidos. O SUS deve e atende a todas as pessoas que estão no Brasil, cidadãos ou não. Não podemos negar atendimento aos refugiados em detrimento de outras pessoas. Vendo por essa ótica, o Brasil está na frente de países desenvolvidos como os Estados Unidos, que não atende aqueles que não estiverem em situação regularizada no país. Lá essas pessoas só são atendidas em casos graves de emergência, o que os leva a viverem muitas vezes em péssimas condições já que não podem ter atendimento básico de saúde gratuito. É um desrespeito com essas pessoas que estão em uma situação muito delicada e um desrespeito com os direitos humanos. Não podemos deixar de acolher e atender nenhum ser humano que precise de nossa ajuda.

**Mediador:** Muito obrigado, candidata. Agora, o candidato José Luiz tem um minuto para a réplica.

**Candidato José Luís:** Acredito que a candidata não percebe a gravidade que se encontra o sistema público brasileiro. De forma alguma acho que devemos deixar essas pessoas em condição de refugiados desamparados, mas também devemos prezar pelos cidadãos brasileiros, que pagam impostos e trabalham duro para ter suas necessidades básicas atendidas. Os Estados Unidos adotam uma política de precaução, uma vez que existem muitos imigrantes ilegais no país e eles tem que lidar com 12 milhões de pessoas em situação não regularizada. Como a candidata pode afirmar que devemos acolher a todos que nos pedem abrigo quando existem milhões de cidadãos brasileiros, contribuintes e legais, que não

conseguem ter atendimento básico no próprio país? O que devíamos fazer é, assim como os americanos, regularizar os imigrantes e refugiados para que eles possam gozar dos privilégios da cidadania brasileira.

**Mediador:** Candidata Maria Souza, trinta segundos para a tréplica.

**Candidata Maria Souza:** O que o candidato está afirmando é uma afronta à Declaração dos Direitos Humanos. O SUS nasceu para atender a todos que precisam de amparo médico e não podem pagar, o que inclui os refugiados. Como podemos negar atendimento a eles e exigir que eles se regularizem quando muitas vezes a burocracia impede que eles consigam estar em situação legal? Todos sabem a demora que leva para conseguir que um processo seja avaliado no Brasil e ainda vamos forçar alguém que precisa de cuidados médicos a se regularizar primeiro?

**Mediador:** Obrigado, candidata. Seu tempo se esgotou. Agora faremos uma pergunta dos nossos ouvintes pelo portal no site da rádio. A Renata Costa, de Taguatinga, escreveu: “José Luis, como o princípio da universalidade do SUS pode ser seguido quando o sistema tem uma estrutura público-privada? Gostaria de entender como a gestão híbrida pode ser benéfica pra população”.

**Candidato José Luís:** Um ótimo questionamento, Renata! O Sistema prevê o funcionamento simultâneo de uma rede de atendimento pública e gratuita ao cidadão e outra privada, que atua de maneira complementar. Assim, o setor privado vem atuando sob a forma de planos e seguros de saúde, bem como de hospitais, clínicas, laboratórios, e consultórios particulares. Esse complemento do sistema pela iniciativa privada é fundamental porque o Estado nitidamente não consegue suprir todas as demandas da população na área. Por isso é necessário que o governo recorra a entidades independentes, para que a qualidade do setor da saúde seja mantida e para que possa também desafogar o sistema público que está completamente abarrotado.

**Candidata Maria Souza:** Como a população ganha com essa segregação?

**Candidato José Luís:** O governo não consegue atender às necessidades básicas de toda a população e por isso o SUS tenta integrar sua rede ao máximo com o setor privado. Atualmente o sistema integra 70% das redes de hospitais, clínicas e outros estabelecimentos de saúde do país e isso só é possível graças à gestão híbrida dele.

**Candidata Maria Souza:** Isso é preservar a universalidade?

**Mediador:** Candidata, por favor, espere a sua fala.

**Candidato José Luís:** Garantir que exista um atendimento de qualidade e fomentar a melhoria do sistema público por meio da aproximação com o setor privado é a melhor saída que implica em ganhos a curto prazo. E além disso, todas as parcerias público-privado obedecem as diretrizes do SUS.

**Mediador:** Muito obrigado, candidato José. Candidata tem um minuto para a réplica.

**Candidata Maria Souza:** Gostaria de saber como o candidato não percebe a grande contradição entre a proposta de universalidade do SUS e a atuação da rede privada. Um sistema que se propõe a atender toda a população, garantindo seus direitos básicos a saúde, não pode beneficiar aqueles que têm mais condições e podem procurar um atendimento pago. Além disso, as transferências de recursos públicos para os planos e seguros privados dificultam ainda mais o fortalecimento do sistema. Como o setor público pode melhorar quando existe direcionamento de verba para as clínicas e hospitais privados? E para piorar, na grande maioria das vezes que os hospitais públicos prestam ações aos usuários de plano de saúde privados não acontece o ressarcimento que deveria ser feito.

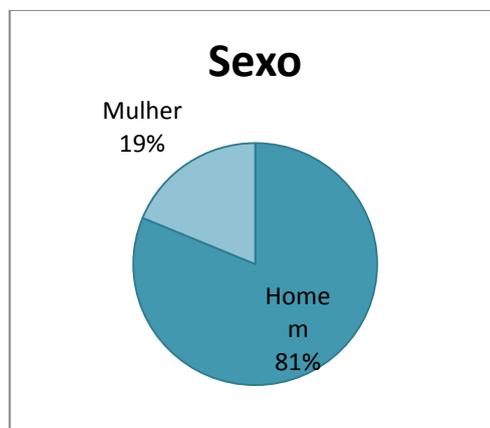
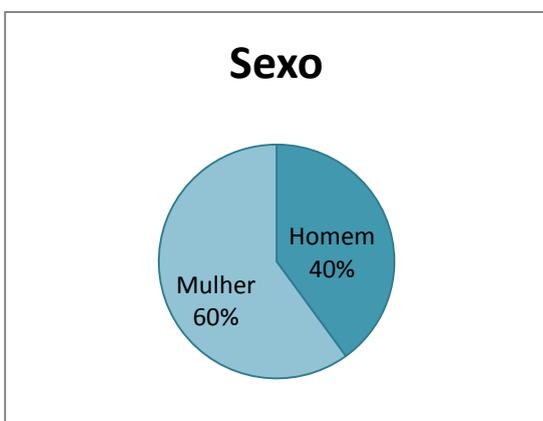
**Mediador:** Candidato, trinta segundos para a tréplica.

**Candidato José Luís:** existem falhas na gestão das parcerias e na integração do sistema, porém elas não se comparam com os benefícios trazidos pela integração da rede privada à rede pública. A otimização de recursos e a melhoria na gestão do SUS superam esses problemas, já que ajuda o sistema a caminhar em direção ao nível de qualidade do atendimento e dos serviços da rede privada.

**Mediador:** Obrigado, candidato. Seu tempo seu tempo se esgotou. Bem, encerramos por aqui o debate. Muito obrigada pela presença dos candidatos e boa noite.

## APÊNDICE 3 – RESULTADO PRÉ-TESTE

### 1. Sexo



Do lado esquerdo, há os resultados do experimento com a turma de Comunicação (Mulher vs Homem) e à direita, os resultados do experimento realizado com a turma de “aleatórios”(Homem vs Homem). Como discutido antes, vê-se aqui um dos maiores erros no experimento, a amostragem que gerou problemas maiores, que serão apresentados a seguir.

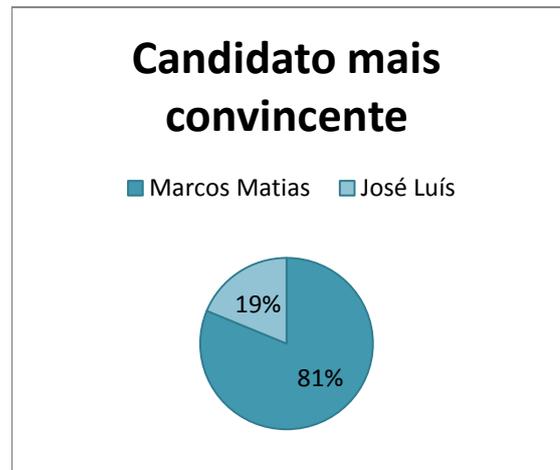
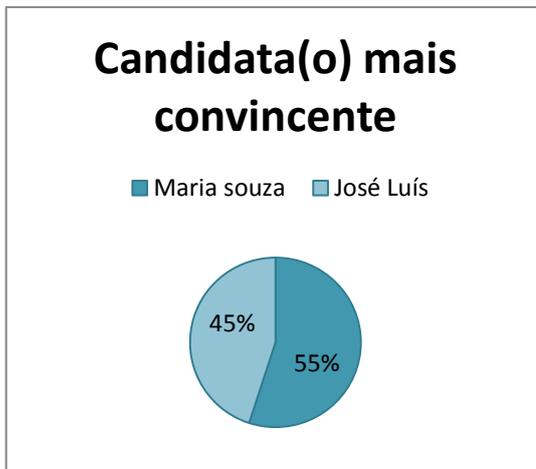
### 2. Acirrado?



Mais uma vez, os gráficos estão dispostos com os resultados do debate Mulher vs Homem à esquerda e do debate Homem vs Homem à direita.

Nesses gráficos, já pode-se ver resultados que levem a uma hipótese. Vê-se que os eleitores acharam o debate entre a mulher e o homem mais acirrado que o debate entre os dois homens, logo, apesar de a mulher ter ganhado esse debate, foi mais difícil para ela conseguir os votos quando comparada com um homem com o mesmo comportamento .

### 3. Convencimento:

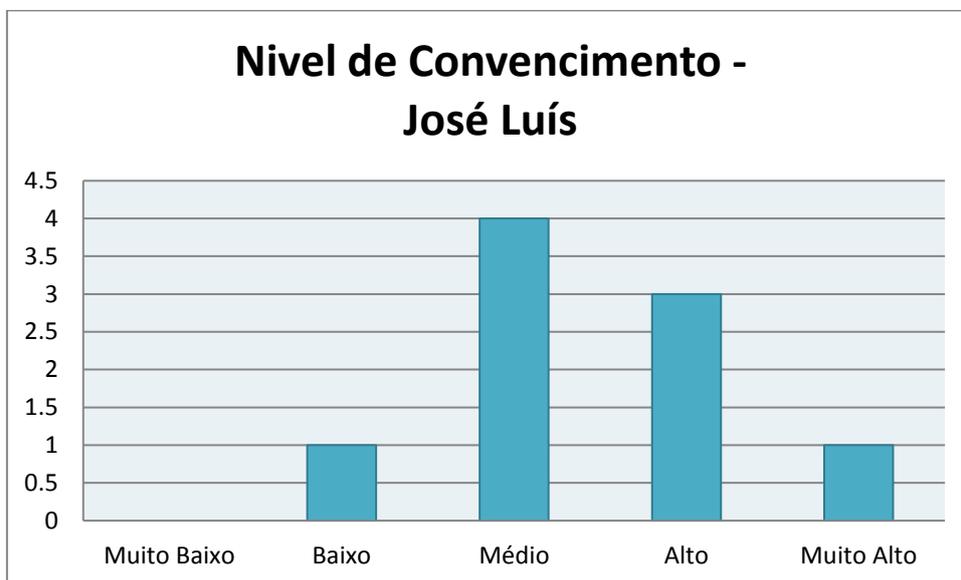
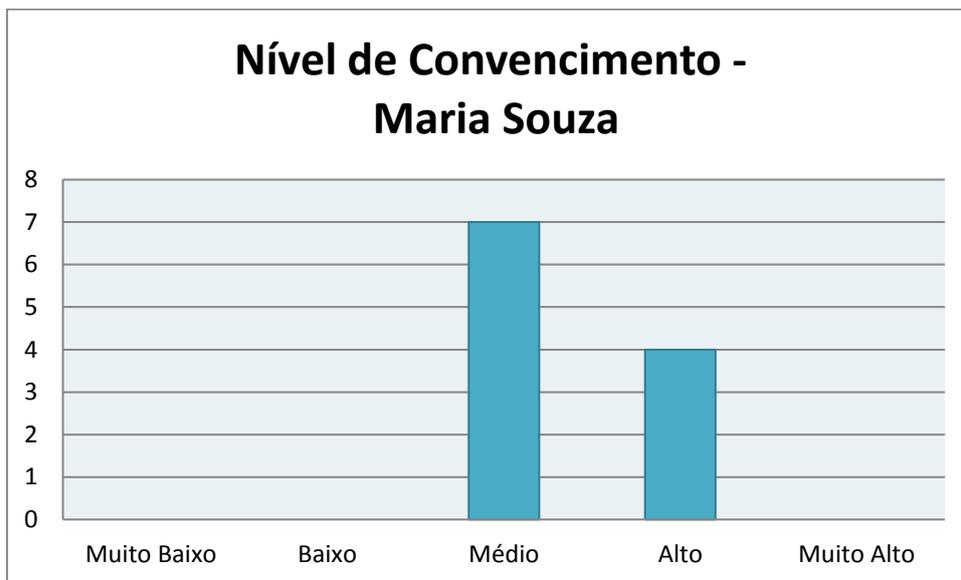


É interessante observar que dos últimos resultados para estes houve uma forma de inversão, enquanto anteriormente o acirramento dos debates era 20/80 e 45/55 respectivamente, isso muda para 45/55 e 20/80 neste caso.

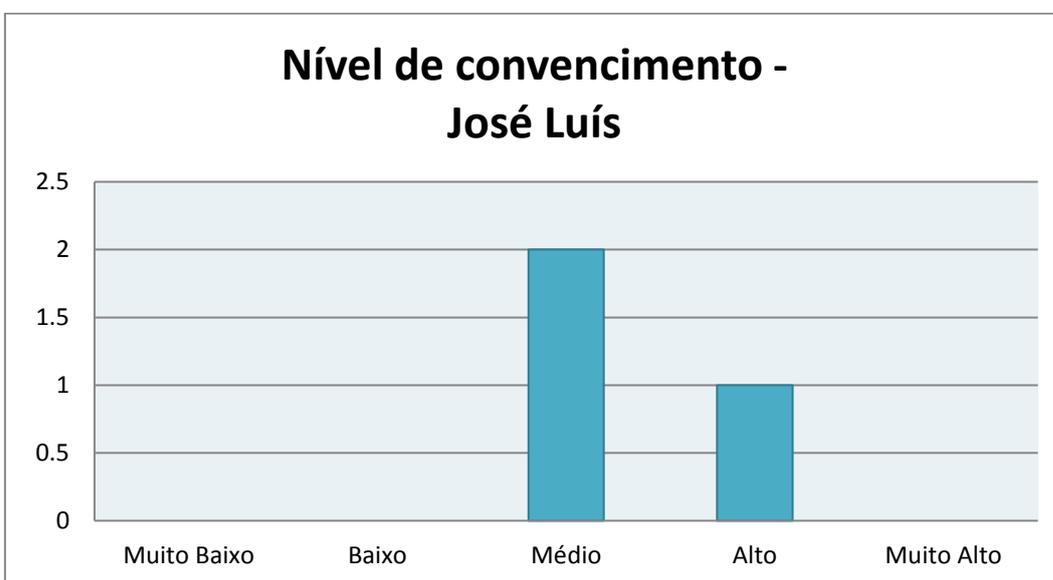
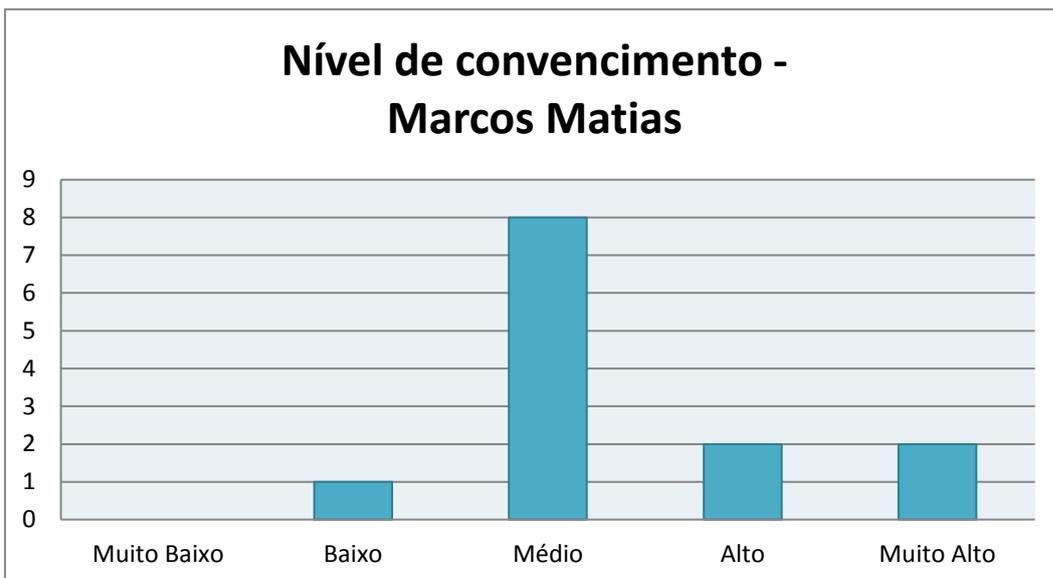
Esses resultado corroboram com o que foi dito anteriormente, que apesar de as falas terem sido as mesmas, um homem agressivo teve sua fala mais aceita. Juntamente com os resultados expostos acima, pode-se ver que os resultados levam para a hipótese de que eleitores de fato estranham a agressividade vindo de uma mulher.

#### 4. Nível de Convencimento

Antes de apresentar o restante dos dados, é oportuno fazer um adendo. Todas as questões que apresentam 5 opções de respostas foram enumeradas de 1 a 5, a razão pela qual elas não aparecem de tal forma nos gráficos é apenas para tornar a visualização mais didática.



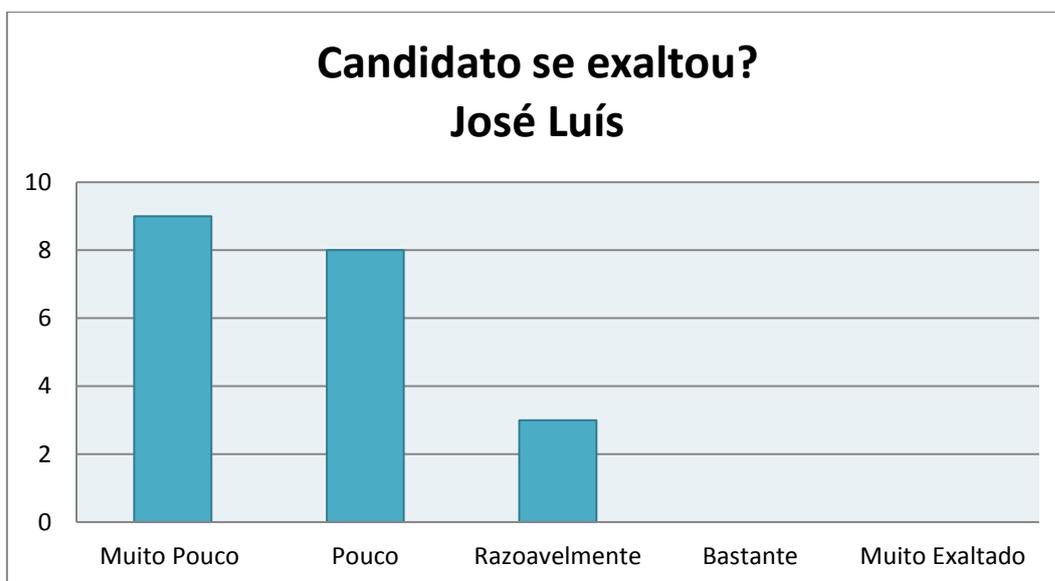
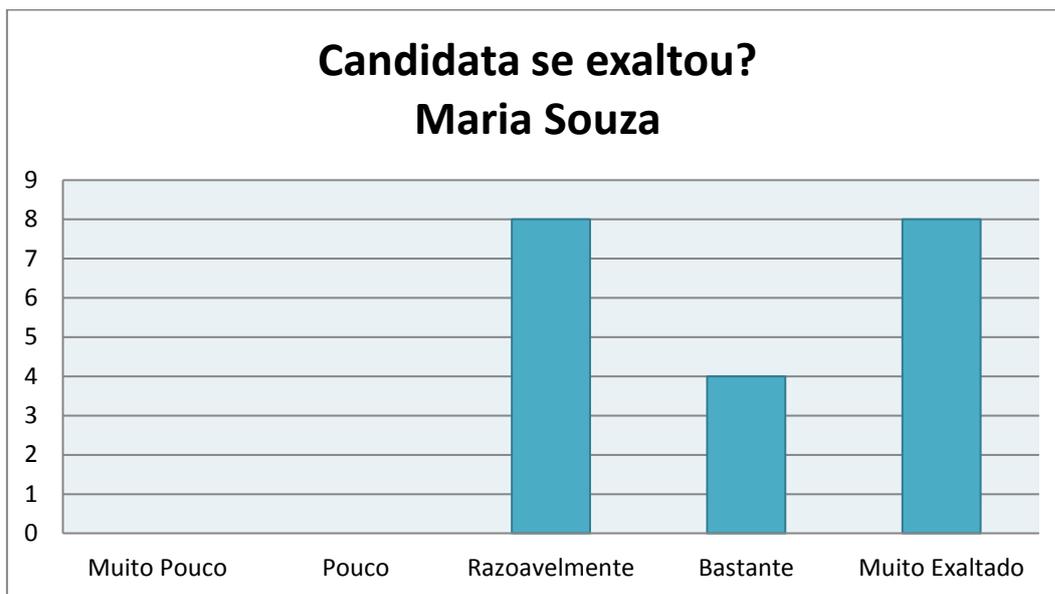
Aqui vemos que não obstante a Maria Souza ter um nível maior de aprovação no debate contra José Luís, os resultados, no que se refere ao quanto os eleitores se sentiram convencidos, foram relativamente baixos, ficando apenas entre médio e alto enquanto o José Luís, apesar de ter perdido o debate, teve avaliações muito altas. A seguir, será apresentado como esses resultados divergem dos obtidos no debate Homem vs Homem.



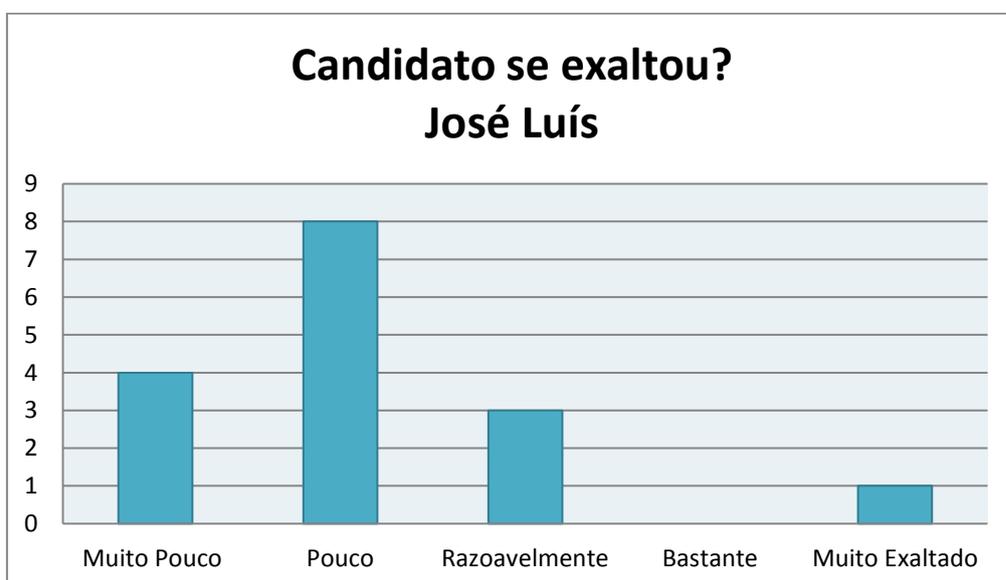
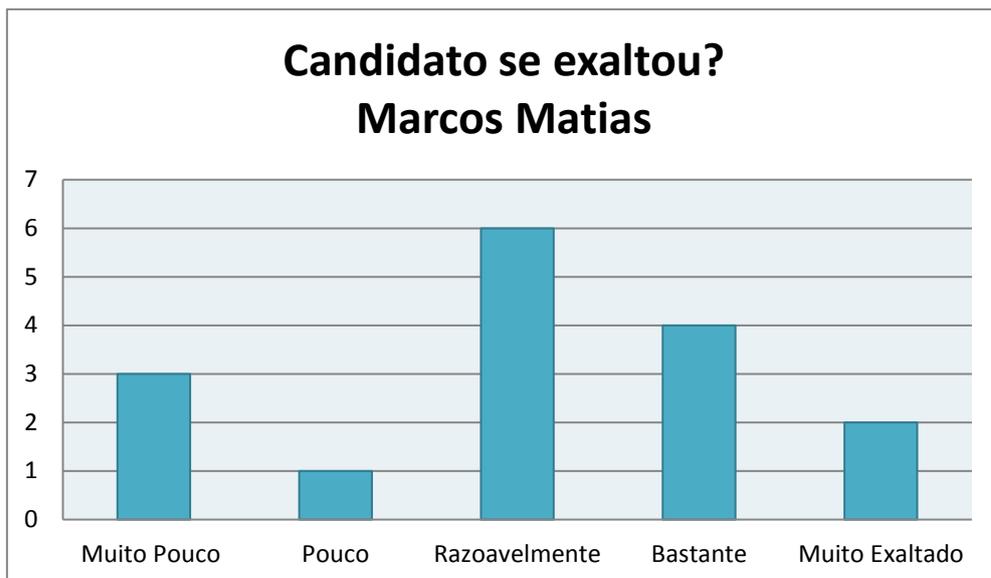
Vê-se nesses gráficos mais uma vez essa tendência na qual os resultados se trocam de um experimento para o outro, enquanto acima tínhamos quase nenhuma variação nos resultados da candidata agressiva, agora é o candidato passivo que apresenta essa falta de variação. Ao passo que o candidato agressivo, no segundo experimento, teve resultados muito mais heterogêneos, algo que se viu apenas no candidato passivo na primeira amostra.

Em relação especificamente ao segundo resultado, vê-se que o resultado mais expressivo foi médio, seguido por números bem menores, mas ainda significativos, de alto e muito alto.

## 5. Candidatos se exaltaram?

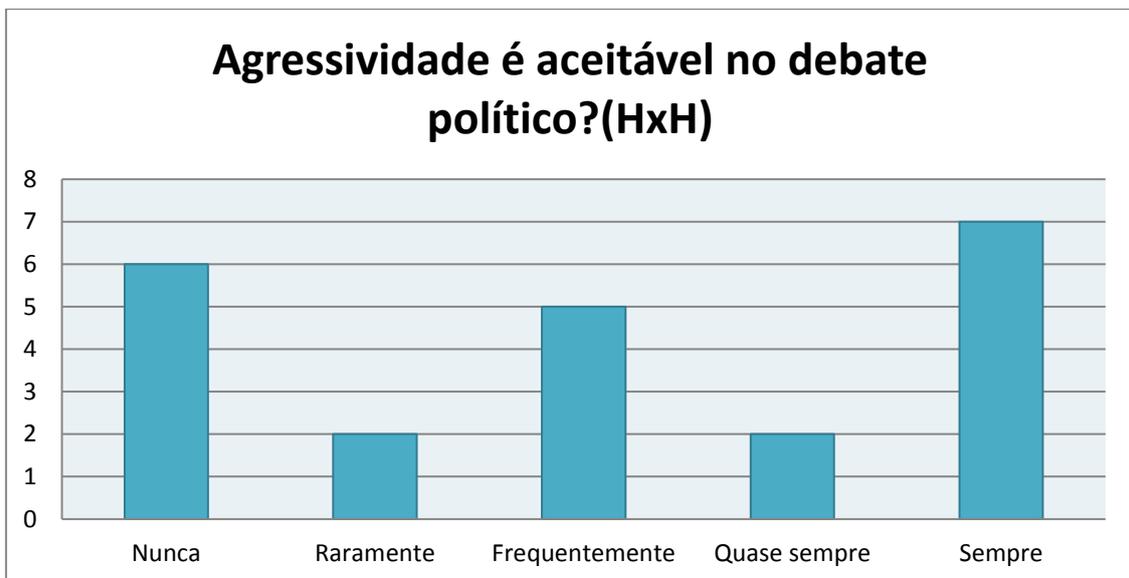
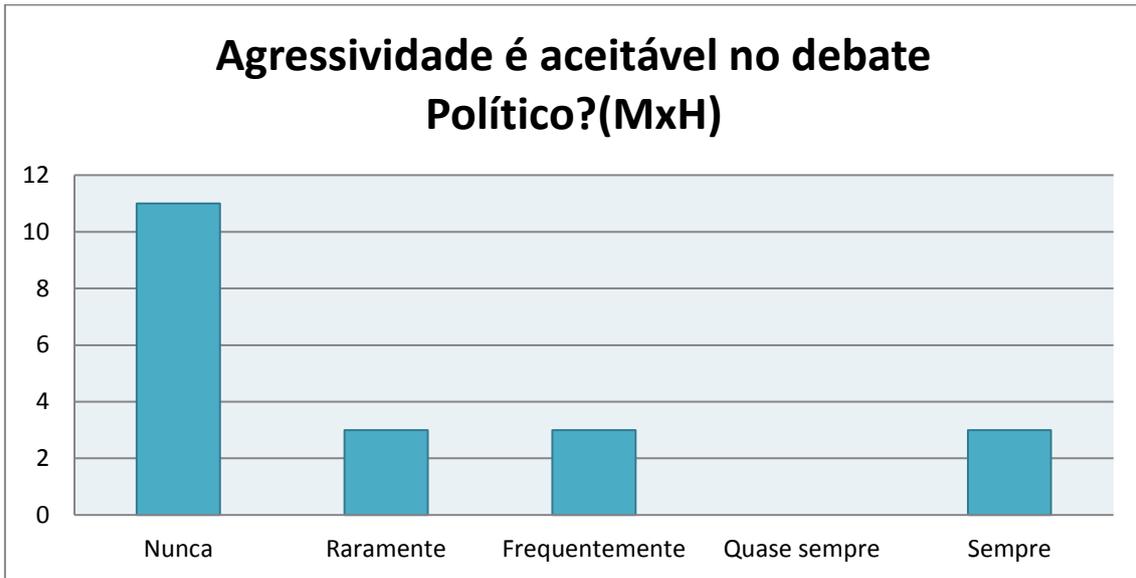


Vê-se aqui não só que foi quase consenso que a candidata Maria Souza se exaltou mais que o candidato José Luís, mas também que os resultados foram bastante extremos, apresentando um número muito significativo de eleitores que achou o comportamento da candidata muito exaltado, enquanto a grande maioria achou o comportamento do candidato ou pouco ou muito pouco agressivo.



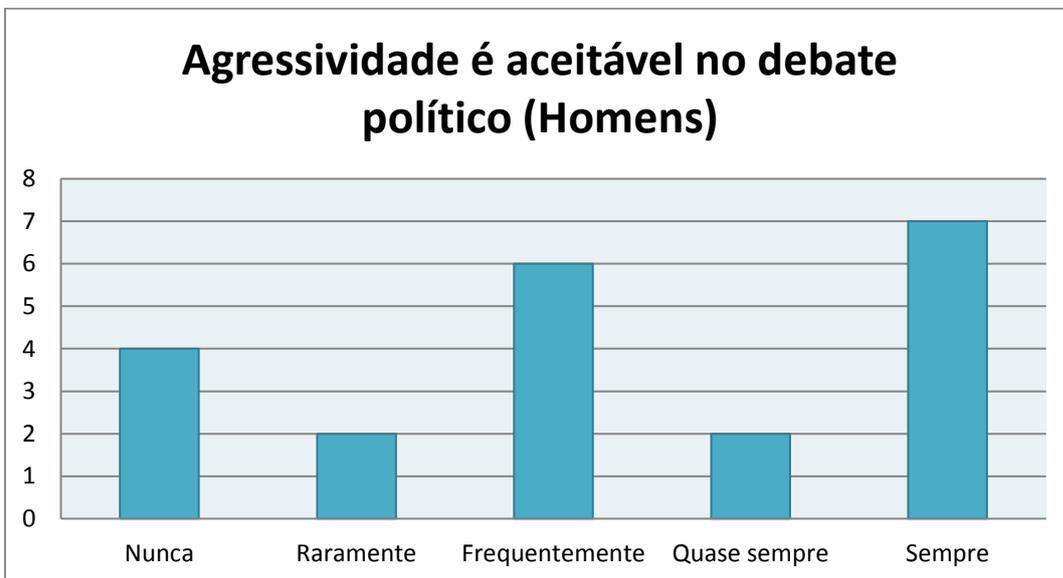
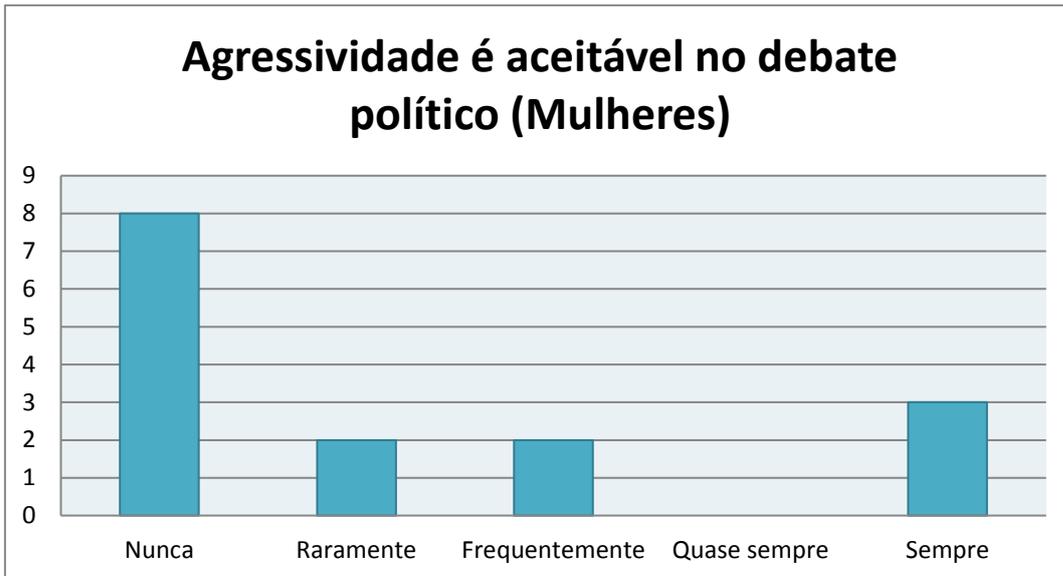
Comparando os resultados do primeiro experimento com esse, pode-se ver que de fato os eleitores perceberam muito mais a agressividade do candidato quando este era do sexo feminino. Vale acrescentar que o único eleitor que avaliou o José Luís como muito exaltado deve ter sido devido ao problema mencionado anteriormente sobre possíveis confusões entre os dois candidatos homens. Outro fator interessante ao analisar esses gráficos é que, quando se trata do candidato masculino agressivo, seus resultados quase sempre remetem ao famoso gráfico no formato de um sino. Isso pode levar a crer que essa seria a atitude esperada de um homem, visto que esse gráfico de sino representa uma variação normal entre pessoas.

## 6. Agressividade é aceitável?



Nesta questão, poder-se-ia tirar várias suposições desses resultados, como o maior extremismo no caso do debate entre uma mulher e um homem, como falar também do fato de praticamente 80% dos resultados do primeiro experimento serem de que agressividade nunca é aceitável no debate político e como essas poderiam ser reações a ver uma mulher agressiva em um debate.

Entretanto ao analisar os dados, há uma questão que intrigante:



O que se apresenta aqui são os mesmos gráficos, entretanto, em vez de separar por qual experimento foi feito, os resultados de ambos foram reunidos e divididos por sexo. O que impressiona é a semelhança ao resultado quando se usar os dados de cada experimento feito. Isso nos leva a crer que o fato das turmas terem uma predominância muito clara de cada sexo influenciou muito nesses resultados. Por isso acho que esse resultado não pode ser avaliado do ponto de vista da pesquisa, creio que ele possa ser analisado para ver as diferenças de percepção entre as percepções femininas e masculinas mas não como resultados do experimento.